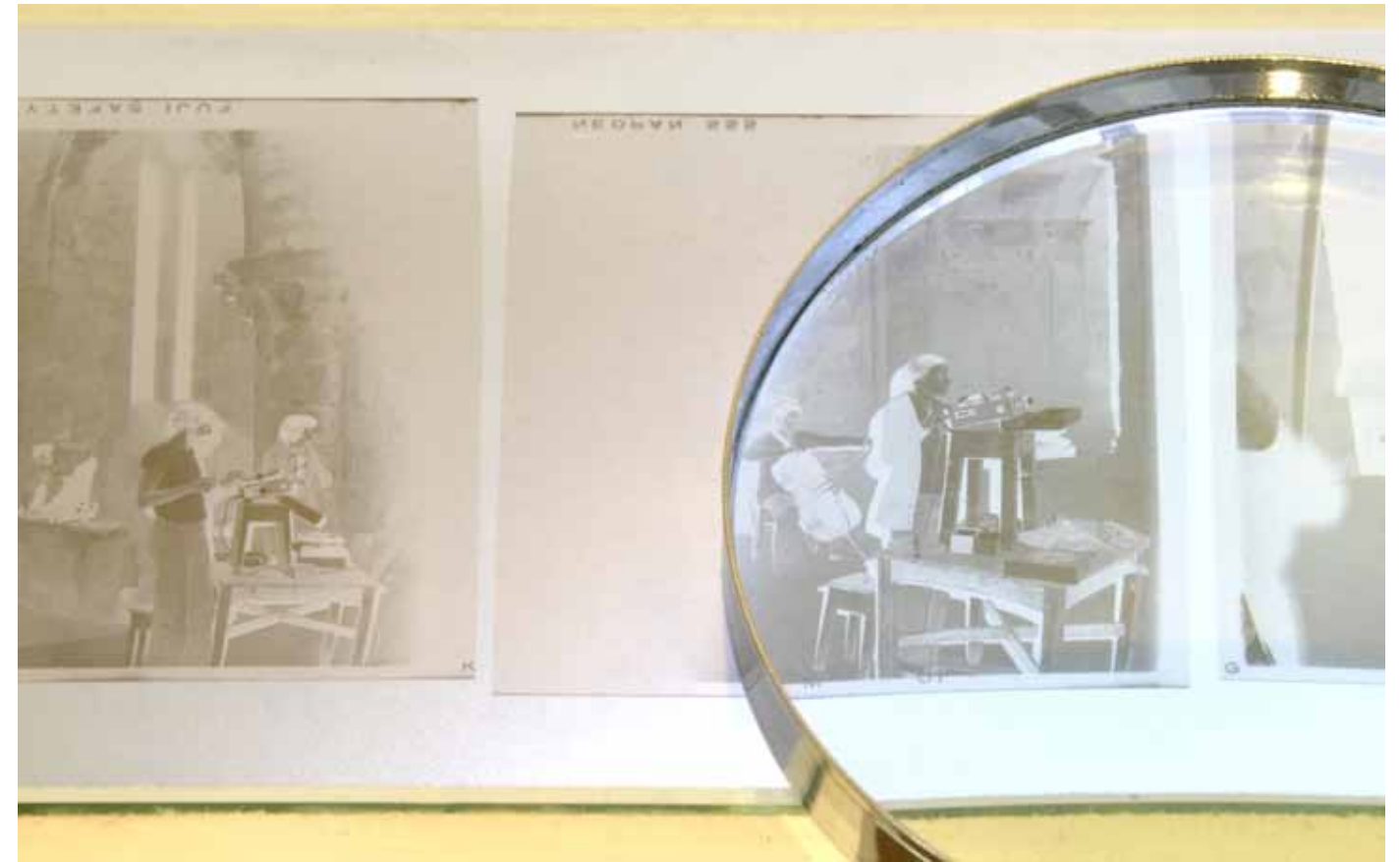


agenda7-coimbra.pt  
COIMBRA ACONTECE TODOS OS DIAS

40 • jun • 2014

RUA LARGA



REVISTA DA REITORIA DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
NÚMERO 40  
JULHO 2014

REDES

RUA LARGA

# RUA LARGA

**PROPRIEDADE**  
Universidade de Coimbra

**DIRETOR**  
João Gabriel Silva

**DIRETORA-ADJUNTA**  
Clara Almeida Santos

**EDITORA**  
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

**DIREÇÃO ARTÍSTICA**  
António Barros

**FOTOGRAFIA**  
João Armando Ribeiro

**INFOGRAFIA**  
Henrique Patrício

**PRODUÇÃO**  
Luísa Lopes

**EDIÇÃO**  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Rua Oliveira Matos, 29  
3000-305 COIMBRA • PORTUGAL  
Telef./Fax.: 239 832 982/3  
Email: livrariaiuc@ci.uc.pt

**IMPRESSÃO**  
Empresa Diário do Porto, Lda

**TIRAGEM**  
1.700 ex.

**ISSN**  
1 6 4 5 - 7 6 5 x • Anotado no ICS

**CAPA**  
*Ernesto de Sousa • A revolução tem de estar perto*  
REDES\_SCUC 2014 © João Armando Ribeiro

www.uc.pt/rualarga  
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

**PONTOS DE VENDA**  
Loja UC  
Livraria Virtual: <http://lojas.ci.uc.pt/imprensa>

**EDITORIAL**  
**REDES - P.05**  
*João Gabriel Silva*

**REITORIA EM MOVIMENTO**  
Dá-me permissão que use da palavra? - P.06  
*Luís Menezes*

As redes que construímos - P.09  
*Clara Almeida Santos*

**OFICINA DOS SABERES ATUAL**  
Redes Sesnandinas- P.13  
*Maria Helena da Cruz Coelho*

25 de abril em Coimbra:  
o festejar de um ideal - P.18  
*Direção do Ateneu de Coimbra*

Entre dinâmicas de fragilidade  
e resistência: redes formais e  
informais no contexto europeu - P.20  
*Maria Raquel Freire*

A revolução tem de estar perto - P.22  
*José Bártolo*

Danças do Mundo: do elogio da diversidade  
cultural à universalidade da dança - P.24  
*Sophie Coquelin*

**IMPRESSÕES**  
A ciência cidadã como rede  
de conhecimentos - P.27  
*Tiago Santos Pereira*

O judo como melhor uso  
de energia em rede - P.29  
*Alain Guy Marie Massart*

Famílias e redes sociais - P.30  
*Silvia Portugal*

**RIBALTA**  
Mapeamento Cultural: uma plataforma  
para a criação de redes - P.32  
*Nancy Duxbury*

A rede de castelos e muralhas  
do Mondego - P.35  
*Luís Matias*

agenda7-Coimbra: porque Coimbra  
acontece todos os dias - P.36  
*Carina Gomes*

**CIÊNCIA REFLETIDA**  
Internet - passado, presente e futuro - P.38  
*Fernando P.L.Boavida Fernandes*

**AO LARGO ENTREVISTA**  
António Sampaio da Nóvoa - P.40  
*Marta Poiares*

**RETRATO DE CORPO INTEIRO**  
Carlota Simões - P.50  
*Marta Poiares*

**CRÓNICA**  
A Biblioteca, a Universidade  
e o conhecimento - P.57  
*José Augusto Cardoso Bernardes*

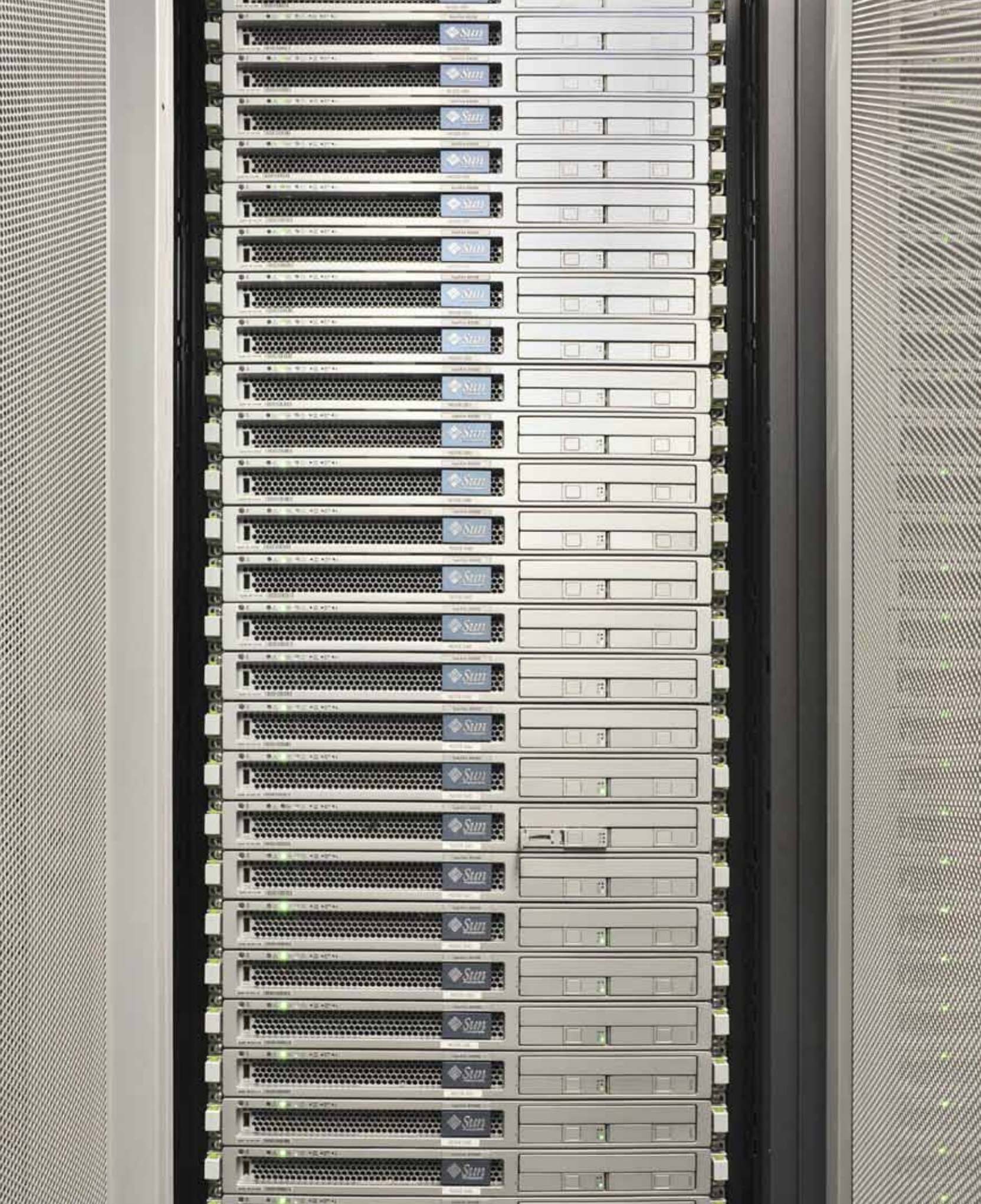
**CRIAÇÃO LITERÁRIA**  
O dronedário - P.61  
*Rui Pedro Antunes*

**LUGARDOS LIVROS**  
Maria Helena da Rocha Pereira –  
Publicar uma Obra Maior - P.64  
*Delfim Leão*

**APOCALÍPTICOSE INTEGRADOS**  
Apocalíptico  
A Teia - P.70  
*Cristina Lai Men*

Integrado  
Tudo mentira, verdade - P.72  
*Fernanda Cândia*





# R E D E S

Há pouco mais de um século a Universidade de Coimbra (UC) perdeu o monopólio do ensino universitário em língua portuguesa. Em Portugal, foi em 1911 que deixámos de o ter, com a criação das Universidades de Lisboa e do Porto. Nos outros países de língua portuguesa foi em 1912, com a fundação no Brasil da Universidade do Paraná, em Curitiba, embora o fluxo de estudantes do Brasil para Coimbra tenha diminuído bastante a partir da independência, em 1822, pois desde o momento da chegada de D. João VI ao Brasil foram sendo estabelecidas diversas Faculdades isoladas.

Até essa altura a UC nunca teve de se preocupar com atrair estudantes. Mesmo no período em que existiu uma universidade jesuíta em Évora, entre a sua criação pelo Cardeal D. Henrique em 1559 e o encerramento em resultado da expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal em 1759, o número de estudantes não foi um problema. A UC teve essencialmente que se preocupar em ser relevante para o país, para que os sucessivos reis a mantivessem em funcionamento. Mesmo depois da perda do monopólio, a falta de estudantes não se manifestou logo. Só recentemente, devido a uma regressão demográfica conjugada com um número elevado de universidades públicas em Portugal, é que a UC se viu numa situação nova na sua longa história: não haver candidatos em número suficiente para preencher os lugares disponíveis nos cursos que oferece.

Para se manter, mais do que nunca, a UC tem de ser relevante para a sociedade e adaptar a sua missão às necessidades dos tempos atuais. Aos olhos dos jovens e das suas famílias tem de valer a pena vir estudar para Coimbra, mesmo que haja outras universidades mais próximas dos seus lares.

Para o conseguir, a nossa estratégia tem duas vertentes.

Por um lado, devemos invocar a nossa ímpar condição de universidade clássica, uma das mais antigas do mundo, património da humanidade, símbolo máximo de uma língua e de uma cultura, parte de inúmeras redes forjadas ao longo dos séculos. Coimbra é uma cidade universitária, uma cidade de passagem, onde chegam e de onde partem estudantes de longes paragens. Por essa via deixámos inúmeras marcas na história, resultado de infindáveis interrelacionamentos.

Daí o tema da semana cultural deste ano: as redes. Que nos lembram D. Sesnando, cuja chegada a Coimbra em 1064, há 950 anos, celebramos este ano. Sesnando, o senhor moçárabe que promoveu um desenvolvimento decisivo da cidade e da região, baseado na coexistência pacífica e construtiva das culturas muçulmana, judaica, cristã de rito moçárabe e cristã de rito romano. A tolerância, a curiosidade, o espírito aberto para aprender e maravilhar-se com os outros, era e é central para o desenvolvimento das universidades e das sociedades. Redes que nos

lembram também o Brasil, porventura o país com o qual a nossa ligação é mais profunda, e do qual recebemos atualmente tantos estudantes.

A par de redes bem recentes, como a Internet, e das que se formam quando os múltiplos agentes culturais de uma cidade como Coimbra colaboram no desenvolvimento de uma ideia ou na promoção da agitação criativa de que Coimbra e a sua academia vivem. Tudo isto foi apresentado na semana cultural deste ano, que se prolonga nas comemorações de D. Sesnando.

Por outro lado, a nossa estratégia passa por sermos uma Universidade de grande qualidade. A nossa investigação tem de ser de topo, o ensino irrepreensível e motivador, a transferência do conhecimento para a sociedade intensa e produtiva. Não houve na nossa história outro período em que estes requisitos fossem tão fortes, tão prementes.

Temos de estar à altura, particularmente agora que vamos começar a receber estudantes internacionais que pagam integralmente a sua educação superior. Num mundo tão intensamente global e concorrencial, o desafio de nos mantermos relevantes, como nos sete séculos anteriores, é mais exigente do que nunca.

João Gabriel Silva  
Reitor da Universidade de Coimbra

# “Dá-me permissão que use da palavra?”

LUÍS MENEZES \*

Às 6h45 da manhã do dia 24 de novembro de 1920, cerca de 40 estudantes invadiram o então Clube dos Lentes, no Colégio de São Paulo, situado na Rua Larga, cansados de promessas adiadas de mais espaço para a Associação Académica de Coimbra, que crescia em atividade.

Este episódio ficou conhecido como “A Tomada da Bastilha” e é hoje comemorado por atuais e antigos estudantes da Universidade de Coimbra (UC), num claro reflexo da ligação intensa que se estabelece entre estudantes e Academia.

A 17 de abril de 1969, na sequência das palavras que dão título a este texto, a Academia mostrou a sua revolta contra uma ditadura que, apesar de *orgulhosamente só*, teimava em querer perpetuar-se.

Em 1989, foram publicados os Estatutos da UC, que consagrariam a democraticidade da gestão universitária, e que resultaram de uma união ímpar de esforços entre docentes, alunos e funcionários, numa maratona que ficou para a história, caracterizada pelas famosas reuniões no Palácio de São Marcos, com o Magnífico Reitor de então, Rui Alarcão.

Em junho de 2013 a UNESCO declarou a UC património da Humanidade, também na vertente imaterial, reconhecendo que esta serviu de modelo a inúmeras universidades no espaço Lusófono e que Coimbra simboliza a cultura e a língua portuguesas, que tanta influência tiveram no mundo.

Em 2018, Coimbra irá ser a cidade anfitriã dos Jogos Europeus Universitários, após decisão do comité executivo da Associação Europeia de Desporto Universitário. A UC continua bem viva, aberta para o mundo e com olhar no futuro, numa clara perspetiva de crescente internacionalização.

A história da Academia de Coimbra está repleta de factos que evidenciam a sua centralidade científica, cultural e de intervenção social no panorama nacional. Estes factos influenciaram e continuam a influenciar o rumo da nossa história enquanto nação, confundindo-se com ela e ultrapassando largamente as nossas fronteiras. É neste espírito global, tão característico da sua própria universalidade, que hoje se posiciona a UC, transpondo os limites da cidade, da região e do próprio país. Ao conhecimento acumulado ao longo dos séculos e transmitido de geração em geração

pelos seus Mestres, alia-se a contemporaneidade do conhecimento científico inovador, intrincado numa rede com séculos de história e de histórias, o que lhe confere a sua peculiaridade no contexto nacional e internacional.

A dimensão humana desta rede constitui a base estrutural da difusão universal de saberes e conhecimentos que transcende o binómio professor-aluno. A passagem pela UC vai muito para além da formação académica com qualidade e atualidade: *Ser estudante de Coimbra é mais do que um momento na vida... É um momento para a vida*. Esta é a paixão intrínseca que se perpetua nos afetos e permanentes reencontros e estabelece elos indestrutíveis, no tempo e no espaço, de uma identidade única.

Esta identidade não se esgota na criação fundamental dos saberes ou na difusão crítica e na transmissão desses saberes para a sociedade. Assenta nos pilares fundamentais da liberdade de pensamento e retribui à sociedade essa mesma liberdade, com princípios de promoção de justiça social e cidadania responsável. A conquista estudantil simbolizada pela “Tomada da Bastilha” traduz precisamente a força da Academia de Coimbra, onde a indiferença e a resignação são palavras que não constam do léxico do estudante. A passagem pela UC deve ser, pois, encarada com motivação e otimismo. O momento da partida nunca é um adeus. Também não é o abandono de um filho que parte. Individualmente ou em associação, cada estudante, cada antigo estudante, representa um nó da imensa rede que é a UC, é um elemento vivo e em permanente evolução, e reflete, difunde, promove e prestigia a Universidade aquém e além-fronteiras.

Ciente desta realidade, a Reitoria da UC criou em 2006 a Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra – Rede UC –, com o objetivo de reforçar os laços entre a Universidade e todos os que por ela passam, e de

estabelecer a permanente comunicação e troca de experiências, num espírito de partilha multigeracional e multicultural. A rede UC desenvolve a sua atividade em estreita ligação com as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra que se foram criando em Portugal e no estrangeiro. Estas associações mantêm e fomentam os laços de solidariedade académica entre os seus associados, promovendo a aproximação e interação com a Universidade. A crescente atividade de antigos estudantes fora de portas tem sido incentivada e dinamizada, procurando manterem-se vivas as ligações à Universidade, seja pela integração desses estudantes nas associações existentes nessas paragens, seja pelo apoio à criação de novas associações, como ocorreu recentemente em Macau. De modo a facilitar a comunicação com os antigos estudantes, a Rede UC utiliza a plataforma eletrónica de apoio aos alunos da UC. Estes podem registar-se na plataforma e ter acesso a um vasto conjunto de funcionalidades, tal como qualquer atual aluno. A Rede UC conta já com mais de 25 mil inscritos, de todos os cantos do Mundo, constituindo-se como uma rede privilegiada para a divulgação e promoção da estratégia de globalização da UC. Os antigos estudantes tornam-se, pois, embaixadores e divulgadores naturais da vivência única da nossa Academia.

A Universidade assume, assim, uma reconhecida importância estratégica para o bem-estar da sociedade, sendo impulsionadora do desenvolvimento do país. A UC destaca-se das demais pelo seu elevado prestígio nacional e internacional, o qual potencia a esperança nas oportunidades que o futuro oferece:

*A Coimbra chega-se pequeno e sai-se grande*  
[Jonas de Medeiros, estudante Brasileiro].

\* Vice-reitor para Recursos Humanos, Novos Públicos, Antigos Estudantes e Turismo da Universidade de Coimbra



# AS REDES QUE CONSTRUÍMOS



Liberdade, CAPC - REDES\_SCUC 2014 foto: João Armando Ribeiro

A escolha do tema “Redes” para mote da XVI Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) foi uma escolha acertada. Tal constatação começou a ganhar consistência logo a partir da receção das propostas das iniciativas que viriam a dar corpo ao programa. Grande parte delas anunciavam já parcerias para a sua realização, o que em grande medida era um dos desafios contidos no mote. A abertura da Semana Cultural, a 1 de março, dia da Universidade, mostrou já uma concretização dessas parcerias: a Orquestra Clássica do Centro juntou-se ao Estúdio de Ópera do Conservatório de Música de Coimbra para apresentar uma Suíte Operática dedicada aos “Fascínios Climáticos”. Uma formação profissional em rede com alunos de música resultou num espetáculo surpreendente, cheio de humor e um bom auspício para o resto da Semana.

[Abre-se aqui um parêntesis para duas breves notas sobre as singularidades desta Semana Cultural da UC. A primeira: a *Semana* não é uma semana – durou este ano dois meses; sete dias são claramente insuficientes para acomodar todos os eventos produzidos no âmbito desta iniciativa; a opção de manter a designação explica-se com o entendimento de que a marca “Semana Cultural da UC” atingiu uma notoriedade tal que não faria sentido manter a lógica da sua organização e mudar a designação. A segunda: a Reitoria e o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) co-produzem uma série de eventos correspondendo a cerca de metade do orçamento disponível para a Semana Cultural; a outra metade é distribuída por iniciativas propostas por outras estruturas – unidades orgânicas, departamentos, centros de investigação, núcleos de estudantes, entre outras – ligadas à UC e inspiradas pelo tema do ano.]

Calhou ser 2014 ser ano de muitas e importantes efemérides. Os 950 anos do início do Governo de D. Sesnando em Coimbra em 1064, assinalados com a apresentação do programa das comemorações que vão evocar esta figura histórica e o seu legado, preparadas pela UC em parceria com a Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego. D. Sesnando tem lugar de destaque também nas páginas desta Rua Larga, além de ter inspirado o encerramento da Semana Cultural, a 1 de maio, em modo festivo,

com danças do mundo servidas com gastronomia de vários cantos do planeta – sons e paladares da riqueza cultural que celebramos. Os 40 anos do 25 de abril foram também mote riquíssimo para tecer redes, entre instituições, entre grupos, entre expressões culturais. Destacaria o espetáculo “25 canções de abril”, a 25 de abril no TAGV, nascido da vontade da UC e do Ateneu de Coimbra, à qual se juntou a boa vontade de vários grupos – Orfeon Académico de Coimbra, Coro Misto da UC, Tuna Académica da UC, Orquestra Ligeira Opus 21, Bonifrates, Escola da Noite, Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra e Raízes de Coimbra com Rui Pato e Mário Rovira - com coordenação artística do maestro André Granjo. Também a World Wide Web, sintetizada na sigla www, comemorou o 25.º aniversário do artigo de Tim Berners-Lee que a fundou. Rede que permite que a distância entre as pessoas e a distância ao conhecimento se encurte a cada momento, abrindo também encruzilhadas de desafios para os quais constantemente procuramos respostas. 2014 é também o primeiro ano do resto da vida da UC – Alta e Sofia – Património Mundial. Uma inscrição que nos liga a uma rede de cerca de 1000 outros sítios do mundo que são bem comum da humanidade.

Assinalámos estes marcos e outras inspirações derivadas das redes nos 60 dias da Semana Cultural, com cerca de outros tantos eventos. Foram destacados alguns eventos neste texto pela relação mais óbvia com os pontos focados neste artigo. Superámos o público total da edição anterior, com um universo de espectadores de mais de 15 mil pessoas, não contabilizando quem viu exposições ou instalações de rua. Um número talvez ainda mais gratificante é o de pessoas envolvidas na organização de todas as iniciativas – cerca de 450. São elas os nós das redes mais significativos de todos. Este número da Rua Larga é dedicado a todas elas, por permitir, em certa medida, superar a efemeridade da Semana Cultural (que, mesmo sendo a Semana mais comprida do mundo, chegou ao fim a 1 de maio).

Clara Almeida Santos  
Vice-Reitora para a Comunicação, Cultura e Património da Universidade de Coimbra



10

RL #40 | OFICINA DOS SABERES  
ATUAL



# REDES

MARIA HELENA DA CRUZ COELHO \*

# SESNANDINAS

A XVI Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) no ano de 2014 desenvolveu-se em torno do tema “Redes”. E entreteceu-se, na confluência da elevação da UC (Alta e Sofia) a Património Mundial, num relacionamento dinâmico com os demais sítios disseminados pelo mundo que a UNESCO assim classificou. Na tessitura histórica dessas redes, lembrou os 950 anos do início do governo de D. Sesnando em Coimbra, celebrando esse período coimbrão moçárabe de convivência pacífica e frutuosa entre povos, culturas e religiões; ao mesmo tempo que assinalou os 40 anos da revolução de abril, que devolveu a Portugal a liberdade, essa seiva viva de todas as redes entre a Humanidade, públicas e privadas, de trabalho e lazer, científicas, criativas e artísticas, potencializadas, hoje em dia, pelos canais

planetários da comunicação e informação que a passagem dos 25 anos da proposta de Tim Berners-Lee para a criação da World Wide Web lembra e simboliza.

Neste texto, e em sintonia com a evocação congregadora das redes, daremos destaque à figura de Sesnando, cujo percurso de vida e ação é uma ponte de intensos cruzamentos, e ao seu tempo. Tempo moçarabizante de Coimbra, uma cidade aberta e inclusiva e um espaço de fronteira, que era lugar de passagem e limiar de contactos entre homens e bens, dos tangíveis aos intangíveis.

Coimbra é uma cidade marcada por longos séculos de convivência entre religiões, de intercorrência de culturas, de relacionamento entre etnias, realidade que deixará traços nas estruturas urbanísticas, nas modelações económicas e sociais da urbe,

na sua matriz cultural e civilizacional de cidade aberta e acolhedora. Cristãos, moçárabes, judeus e muçulmanos vão coexistindo, no geral, pacificamente, sob a hegemonia política de uns ou de outros. De 714 até à presúria oficial de Coimbra, em 878, dominam os muçulmanos. A partir daí a liderança será dos cristãos, governados por condes, até à tomada da cidade, em 987, pelo poderoso Al-Mansur, lugar-tenente do califa omíada. De novo os islamitas se impõem ao longo de toda a primeira metade do século XI até à definitiva conquista da cidade pelos cristãos a 9 de julho de 1064.

Possuída Coimbra por Fernando Magno, este monarca vai entregá-la ao seu vassalo Sesnando Davides, natural da região. Como o seu patronímico David, que significa “o amado”, indicia, poderia ser



descendente de uma família de judeus e talvez natural de Tentúgal, onde o seu pai detinha bens.

Numa incursão de Abbad al-Mutadid, príncipe de Sevilha, terá sido feito cativo. E desde então vive nesse reino e torna-se mesmo vizir do rei. Por razões desconhecidas, não sendo de excluir uma arguta perceção política das dificuldades e instabilidades vividas pelos governantes das taifas, passa-se para a corte de Fernando Magno. Ao lado desse poderoso soberano cristão, rei de Leão e Castela, que consegue impor aos reinos muçulmanos de taifas a compra da paz ou da sua segurança, mediante o pagamento de tributos em moeda de ouro, as párias, Sesnando vai atuando como mediador junto dos reis mouros. Tal percurso de vida conferiu-lhe um profundo conhecimento de muçulmanos e cristãos, as forças peninsulares em presença, sopesando as suas capacidades militares, as suas estratégias políticas e o seu modo de relacionamento. E teria sido justamente ele a aconselhar o rei sobre a conquista de Coimbra, como nos dão testemunho os preâmbulos históricos da documentação coimbrã. Acompanhou primeiro Fernando Magno a Santiago, onde o rei fora pedir auxílio ao cavaleiro apóstolo, para depois estar ao seu lado no cerco da cidade que durou seis longos meses. De imediato Fernando Magno, confiando na fidelidade do seu vassalo, entrega a Sesnando, com plenos poderes, o governo do território de Coimbra, que jurisdicionalmente abrangia um vastíssimo espaço que se demarcava a norte pelo Douro, a oeste pelo Atlântico e a leste e sul pelo Mondego e Alva. Englobava as terras de Santa Maria e Coimbra e ainda os territórios de Arouca, Lamego, Lafões, Viseu e Seia.

A situação do moçárabe Sesnando, no início da governação do território de Coimbra, logo após a morte de Fernando Magno em 1065 e as

desinteligências entre os seus três filhos pela assunção do poder até à reunificação dos reinos de Leão, Castela, Galiza e Portugal por Afonso VI em 1073, não teria sido fácil. Alguns leoneses e senhores do Norte para ele se teriam dirigido, hostilizando os interesses da comunidade moçárabe, que não prezavam, e que Sesnando sempre reforçava e apoiava.

Certamente para amenizar as tensões, Sesnando intenta miscigenar-se com a nobreza nortenha e une-se em casamento com Loba Nunes, a filha do último conde de Portucale Nuno Mendes. Sem nada reclamar apenas com tal aliança estabelecer uma coexistência pacífica entre um Entre Douro e Minho, senhorial e cristão, e um Entre Douro e Mondego, urbano e moçárabe.

Ultrapassado este inicial período instável da sua governação e obtendo as boas graças de Afonso VI, Sesnando terá vivido em paz e muito arriegado à capital do seu vastíssimo território coimbrão, ainda que pontualmente houvesse alcançado outros espaços. A biografia deste hábil político é-nos escassamente revelada pelos documentos. Como já dissemos era filho de David, proprietário em Tentúgal, e de D. Susana. Da sua união com Loba Nunes teve uma filha, Elvira Sesnandes, que casou com Martim Moniz, o qual sucedeu ao sogro no governo de Coimbra, ainda que por poucos anos, embora por largo tempo tenha encarnado os anseios de legitimidade do partido moçárabe, o que se manifestará em ato durante o governo do conde D. Henrique. Rodeado de uma domesticidade de servas, evidência da islamização dos seus usos e costumes, teve ainda, pelo menos, um filho ilegítimo. Disponha de habitação em Coimbra, durante algum tempo numa casa dentro do espaço amuralhado, acima da porta de Almedina, e possuía também morada em Montemor. Era detentor de uma

avultada riqueza em terras, situadas na área do Baixo Mondego, senhor de gado e cavalos, bem como de uma considerável fortuna móvel entre vasos de prata e ouro e panos de luxo confeccionados em boa seda importada de Bizâncio, sinais de uma profunda assimilação aos gostos e práticas de uma urbana e requintada cultura e civilização islâmica.

O consul, “princeps”, “dux” ou alvazir Sesnando, como é designado na documentação, terminologia de poder que igualmente ilustra a mescla identitária das heranças latina e árabe, que norteavam a ideologia e a praxis sesnandinas, terá sem dúvida governado o território de Coimbra a contento das suas elites e população.

Como reforço da defesa procedeu à restauração da cintura de castelos em torno de Coimbra, intervindo, com intuítos militares e de povoamento, nos castelos de S. Martinho de Mouros, Arouce, Penela, Montemor e Soure, para além de ter promovido a construção de diversas torres avançadas dispersas pelo seu alargado território. No interior da cidade de Coimbra teria talvez reforçado a sua muralha, em particular na Porta de Almedina, e dever-se-lhe-ia ainda a primeira estrutura do castelo, erguido junto à Porta do Sol.

Por sua vez com o objetivo de povoar e dinamizar o território, concedia espaços bravios e incultos a leigos ou eclesiásticos para que os colonizassem, valorizando-os com cultivos e edifícios construídos, oferecendo-lhes a plena posse e livre disposição de tais prédios, privilégios que captariam a vinda de mais moçárabes para este vasto território.

Sesnando rodeava-se, no exercício do poder, de fiéis vassalos que constituíam a sua cúria, um deles designado mesmo procônsul e alvazir, e de oficiais outros entres juízes, meirinhos e saiões. Para além deste corpo de oficiais maiores ou menores, Sesnando, para dirimir questões importantes,



ouvia o “concilium” dos homens-bons, dos “maiores” de Coimbra ou de outras terras, sancionando e existência de um órgão fundamental da emergente estrutura concelhia que se ia, pouco a pouco, implantando. Todo este clima de estabilidade e de convivência pacífica da comunidade moçárabe neste espaço de fronteira, permeável aos contactos e relacionamentos, fomentaria um intenso fluxo mercantil e cultural entre cristãos e muçulmanos, polarizado em torno de Coimbra, centro urbano privilegiado na rede de comunicações e lugar de passagem das mais variadas gentes e mercadorias, correndo entre elas os panos, os códices e os bens de luxo provenientes do oriente e de al-andaluz. Certamente porque Sesnando assim dirigia pacificamente e controlava o território e a população moçárabe de Coimbra, Afonso VI, após a conquista de Toledo em 1085, entregou-lhe o governo da cidade, com o objetivo político - que não se logrou - de conseguir a mesma relação harmoniosa entre cristãos, moçárabes e árabes. Nessa ameaçadora conjuntura de afastamento de Sesnando, os “maiores natu Colimbrie”, que teriam ocorrido a Toledo em auxílio militar, acautelando uma ausência prolongada do seu chefe e receando os perigos que podiam recair sobre os moçárabes, impetraram ao imperador a ratificação dos costumes outorgados pelo cônsul e a posse hereditária dos bens doados “ad populandum”. Afonso VI anuiu ao pedido e confirmou-os, por carta de 29 de maio de 1085, embrião do futuro concelho conimbricense. Mas D. Sesnando não se haverá demorado muito por cortes hispânicas, onde seria indesejado pela facção francesa e romanista, dada a sua tolerância civil e religiosa face aos moçárabes, e retornou às terras do Mondego logo em 1087, ainda que pudesse haver-se

deslocado de novo aos reinos de Leão e Castela. Este completo político empreendeu, ainda, uma relevante ação religiosa, fomentando a construção de igrejas na urbe conimbricense, apoiando instituições afetas ao rito hispânico peninsular e sobremaneira restaurando a diocese coimbrã. Assim fundou e dotou largamente a igreja de S. Miguel, à qual doa grande parte dos seus bens no seu testamento de 15 de março de 1087. Em consentâneo foi pródigo para com duas antiquíssimas instituições deste território, os mosteiros de Lorvão e da Vacariça, bastiões eclesiásticos do rito moçárabe. Mas dignificou particularmente a catedral e trouxe para Coimbra o bispo moçárabe de Tortosa, D. Paterno, que esteve à frente da diocese desde cerca de 1080 até à sua morte, em 1087. Este prelado, com o assentimento de Sesnando, terá ordenado a vida comunitária entre os cônegos, o que se adequava perfeitamente ao espírito da reforma interna da clerezia hispânica, e terá criado uma escola catedralícia, pois, como bispo culto e senhor de uma assinalável biblioteca, preocupava-se com a difusão do ensino e do saber. D. Sesnando veio a falecer alguns anos mais tarde, em agosto de 1091. O Livro das Calendas evoca-o como o povoador de Coimbra, às ordens dos reis D. Fernando e D. Afonso. Anota, ainda, que o seu corpo foi sepultado na Sé, possivelmente numa arqueta adossada à fachada da velha catedral. Decorridas algumas centúrias, o bispo-conde D. Jorge de Almeida, consagrando-o em mais digna e perene memória, trasladou os ossos de Sesnando e de um seu sobrinho para uma nova urna de pedra, gravando-lhe esta legenda: “*Aquy jaz h~uu que em outro tempo foy grande barom/sabedor e muito eloquente auondado e rico e agora/ he pequena cinza*

*ençarada em este moimento/ e com ele jaz huum seu sobrinho dos quaes h~uu/era ja velho e outro mancebo e o nome do tio/ sesnando e pedro avia nome o sobrinho*”. E este monumento pétreo, que se encontra nos claustros dessa igreja, é o património material visível das muitas memórias intangíveis sesnandinas, disseminadas pela cidade e região de Coimbra. Coimbra, sob o governo sesnandino foi uma capital política, religiosa e cultural de um vasto espaço fronteiro. Foi, acima de tudo, uma cidade de redes, aberta, tolerante, multicultural e multireligiosa. Estudar esta ambiência e este homem e dinamizar atividades várias em torno desta época, sempre projetada para novos tempos até aos do presente, é apregoar convictamente que estes mesmos valores de inclusão, tolerância, diálogo e de redes étnicas, culturais e religiosas são vitais nos dias de hoje para a construção de uma cidadania responsável, dinâmica, de uma identidade comprometida e interativa de uma cidade do conhecimento, e de um país livre e democrático com um solidário mundo global.

Este texto apresenta-se como uma sinopse do que escrevemos no artigo “Nos alvares da história de Coimbra – D. Sesnando e a Sé Velha”, in *Sé Velha de Coimbra. Culto e Cultura*, Coimbra, Catedral de Santa Maria de Coimbra, 2011, pp. 11-39 e na obra *O Município de Coimbra. Monumentos Fundacionais*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra-Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. As abonações documentais e bibliográficas do que aqui expomos neles se encontram.

\* Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura



# 25 DE ABRIL EM COIMBRA: O FESTEJAR DE UM IDEAL

DIREÇÃO DO ATENEU DE COIMBRA



ARTMINI (Philippe Martini) · REDES\_SCUC 2014 foto: João Armando Ribeiro

A ruela é estreita e íngreme, e aquela curva no meio aparenta comprimi-la ainda mais. Não há um ínfimo espaço plano e cada um dos paralelos parece ameaçar largar-se ao mínimo toque. Mas, ainda assim, está cheia. Não há um único lugar confinado onde uma vivalma se consiga enfileirar. Todos garantem que há sempre espaço para mais um. E a multidão vai crescendo rua acima e invade as vielas perpendiculares. Para os mais habilidosos, resta um equilíbrio bamboleante nas soleiras das portas velhas, porque as janelas já estão ocupadas por cabeças que a esforço se debruçam para ver o espetáculo.

Ninguém desvia o olhar um minuto que seja, todos vidrados no boneco de palha e cartão que, no centro, insiste em continuar a crepitar pontas de fogo. É a “queima do facho”. Uns de punho erguido, outros abraçados e ainda outros – sinais de novos tempos – de câmara e telemóveis em riste entoam em plenos pulmões a “Grândola Vila Morena”. Lá dentro, na sede do Ateneu de Coimbra, a canção irá ouvir-se amiudamente, assim como as palavras de ordem, as músicas de abril e as histórias do que foi e que ainda está por cumprir.

É assim cada noite de 24 de abril, na Rua do Cabido, garantem uns. Outros, mais rigorosos, lembrar-se-ão daquele ano em que o aniversário teve que subir até ao Centro D. Dinis. Mas, no final, todos concordam, a relevância permanece na perseverança jovial de cumprir as comemorações. Comemorações, porque é mais do que um simples assinalar de uma efeméride. Trata-se de festejar um ideal, manter viva uma aspiração, não esquecer um sonho. E comemorações que se começam a revelar demasiado grandes e demasiado prementes para se fecharem num só espaço ou num só dia.

Este foi, de resto, o mote que levou o Ateneu de Coimbra a integrar, em 2013, um grupo vasto de

associações, organizações e grupos informais que, cada um à sua medida, soube emprestar a sua realidade para festejar abril. Então, na manifestação popular, ponto alto das comemorações, ficou, mais do que a vontade, a certeza de ter que cumprir mais um aniversário, com o fulgor que se lhe exige. Não poderia ser de outra forma, 40 anos é um número muito redondo para uma data ainda tão jovem.

A vontade parece não ter sido esquecida e um ano depois, as mais de 60 atividades, espalhadas por dois meses inteiros de comemorações são a prova dessa determinação.

Esteve lá o Ateneu, mas também estiveram a Universidade, as secções da Associação Académica de Coimbra, as organizações de investigadores e as repúblicas, as companhias de teatro, os sindicatos, os grupos de cidadãos, os organismos culturais e artísticos, e as mais diversas organizações formais e informais da cidade.

O momento alto, claro está, permaneceu na manifestação popular, que, na tarde de 25 de abril, uniu a Praça da República ao Pátio da Inquisição. Mais cedo, no Auditório da Reitoria, Alexandre Ramires, António Avelãs Nunes, João Gabriel Silva, Lestro Henriques e Vítor Costa desvendaram o livro “25 de Abril em Coimbra”, enquanto, na Praça 8 de maio, TEUC, CITAC, CMUC e Orfeon apresentaram a performance “liVerdade”. À noite, Coro Misto, TAUC, Orquestra Ligeira OPUS 21, Brigada Victor Jara, Bonifrates e muitos outros juntaram-se à Universidade e ao Ateneu, no TAGV, para interpretar as “25 Canções de Abril”.

No Teatro da Cerca de S. Bernardo, no Centro de Estudos Sociais, no Conservatório de Música de Coimbra e na Casa das Caldeiras, o Centro de Documentação 25 de Abril, A Escola da Noite, a associação Prisma, a Fila K, a A2C2 e o curso de Estudos Artísticos da Universidade de Coimbra (UC) preencheram

a programação de dois meses de iniciativas com documentários, longas-metragens e filmes revolucionários. Também houve espaço para concertos e peças de teatro, como o momento musical do grupo Raízes de Coimbra, com Mário Rovira, Octávio Sérgio e Rui Pato, no auditório do Conservatório, o concerto de rock, no Teatro Paulo Quintela; ou ainda as peças “Conta-me como é”, levada ao palco da Oficinal Municipal do Teatro pelo Teatrão, e “Corpo em Crise”, interpretada pelo TEUC. Debates e conversas multiplicaram-se por toda a agenda, cobrindo os mais diversos temas e assuntos, assim como as exposições que, espalhadas por locais tão diversos como a República Prá-Kys-Tão, sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra ou Museu de Antropologia da UC, materializaram abril em fotos, documentos e ilustrações. E como a natureza combativa de abril não é em quatro décadas que se esquece, também lá houve pelo meio uma guerrilha de crochet, com a “Revolução na Ponta da Agulha”. Ao todo foram 68 iniciativas dinamizadas por 63 organizações. Mais do que a associação perfeita dos vários elementos da cidade, um esforço consciente, mas instintivo, por manter viva a aspiração de abril, por festejar um ideal.

# 19

RL #40 | OFICINA DOS SABERES ATUAL

# ENTRE DINÂMICAS DE FRAGILIDADE E RESISTÊNCIA: REDES FORMAIS E INFORMAIS NO CONTEXTO EUROPEU

MARIA RAQUEL FREIRE \*

Num contexto internacional em profunda mudança, onde linhas de fragmentação parecem sobrepor-se a lógicas de cooperação e solidariedade, a manutenção e mesmo reforço de redes, a nível político, diplomático, económico, cultural, social, académico, entre outros, revela-se cada vez mais premente. De cariz mais restrito ou mais lato, de natureza formal ou informal, as redes existentes refletem diferentes visões de um agregado que se pretende coeso. Contudo, se por um lado as redes promovem coesão e permitem projetar determinados princípios em áreas diversas, oferecendo mesmo perspectivas alternativas em áreas de dissensão, por outro lado, podem surgir como ameaça à ordem estabelecida, não num alinhamento alternativo, mas de fratura. As redes de terrorismo transnacional ou de tráficos ilícitos ilustram esta dinâmica desestabilizadora. Uma leitura mais otimista em relação a uma função de coesão que as redes podem desempenhar, ou mais

pessimista, numa lógica interna de grande coesão, mas com objetivos de fragilização, deve manter-se presente para que na inter-relação entre redes e seus objetivos, bem como ações e reações daí decorrentes, se possa atuar numa base construtiva. Os acontecimentos mais recentes na Ucrânia demonstram quer a fragilidade das redes, quer o seu potencial. Ao nível político-diplomático, em particular, o discurso da diferença tem prevalecido e vindo mesmo a ser exacerbado com os desenvolvimentos no terreno. O esfriamento das relações entre a União Europeia (UE) e a Federação Russa é aqui exemplo. O quadro da chamada "parceria estratégica", onde assentam as relações entre estes dois atores, está esvaziado, e a área de vizinhança que ambos partilham, e onde a Ucrânia é um estado central, tornou-se o foco da mais recente dissensão. A incompatibilidade de dois projetos de integração regional para além de áreas de comércio livre provou que uma escolha entre a UE ou a Rússia é uma escolha

difícil, senão mesmo uma não-escolha. Se por um lado a Ucrânia se define como estado europeu, comprometido com os valores e princípios democráticos, por outro lado define-se também como partilhando laços próximos com a Rússia, em termos históricos culturais e económicos. Situada entre estes dois gigantes, a Ucrânia tem, desde a sua independência em 1991, procurado gerir um equilíbrio muitas vezes precário nas suas relações a ocidente e a leste.

A situação que presenciamos hoje, com a integração da Crimeia na Rússia, resultado de um processo que viola princípios fundamentais do direito internacional, apesar das justificações russas num sentido contrário, aponta para a degradação da rede política e económica que procurava agregar diferenciais e potenciar princípios partilhados na relação difícil entre a UE e a Rússia. Mas se esta rede se deformou e está em risco de rutura, permanecem elementos que permitem

pensar que a sua reconstrução é não só possível, como necessária. De facto, como diz a sabedoria popular, *não basta ir ao rio com vontade de pescar, é preciso levar a rede*. Três ideias para "levarmos a rede" e irmos à pesca: primeiro, um discurso assente no pressuposto de que a UE e a Rússia partilham valores democráticos e de estado de direito, não reflete os entendimentos diferenciados que subjazem a esta relação; por isso, é necessário clarificar interpretações para que a ação possa efetivamente traduzir-se na consolidação desta "rede" na sua génese e com reflexo em termos mais latos nas suas diferentes áreas de atuação – o enfoque na formalidade das redes deve traduzir-se em implementação efetiva de políticas, seja ao nível da energia ou da liberalização de vistos, seja no combate à criminalidade organizada ou na proteção ambiental. Segundo, há um conjunto de redes informais que informam o processo ao mais alto nível, e que nas situações

de maior fragilidade contribuem de formas variadas para evitar rutura. Redes a nível académico são aqui um bom exemplo, e o atual consórcio internacional em que a UC está envolvida – rede IRSES – e que inclui um conjunto de parceiros europeus e russos, tem sido um bom exemplo de como avançar cooperação. No atual contexto é objetivo desta rede afirmar-se como alternativa a políticas unidirecionais e de exclusão, promovendo através das mobilidades entre os parceiros não só diálogo inclusivo, como também práticas e recomendações políticas numa lógica de valorização da cooperação na diferença. Terceiro, o silenciamento de atores fundamentais nestes processos, constitui um elemento de fragilização das redes. Os cidadãos que se manifestaram por uma alteração do poder político na Ucrânia, e cujo movimento algo espontâneo acabou por ser instrumentalizado, deixaram de ser ouvidos. E as grandes decisões são tomadas por grandes estados, excluindo em grande

medida a Ucrânia e os ucranianos dos processos. Esta dinâmica de silenciamento que ultrapassa a Ucrânia e se estende à própria UE na sua diversidade e Federação Russa limita formulações alternativas ao nível de redes informais que são fundamentais na construção de coesão social e mesmo política.

Assim, entre dinâmicas de fragilidade e de resistência, há um amplo espaço para que as redes, nas suas dimensões formal e informal, possam servir como âncoras para processos alternativos de reforço de coesão e solidariedade, ultrapassando lógicas de fratura ou de construção de barreiras. Os desafios são enormes, mas se a matriz da rede for sólida, a "vontade de ir à pesca" pode efetivamente transformar-se em ação concreta.

\* Professora de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra; Investigadora do Centro de Estudos Sociais; Subdiretora da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

# A revolução tem de estar perto

\* JOSÉ BÁRTOLO

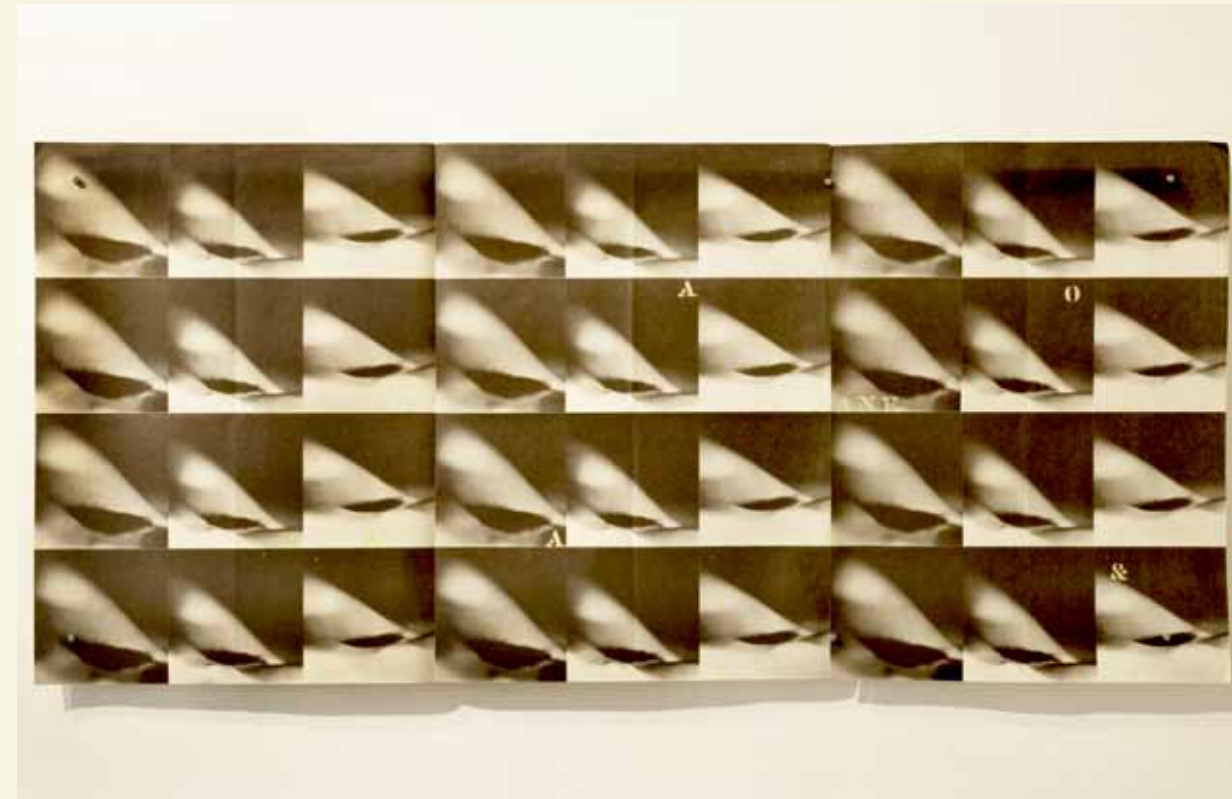
A arte como criação coletiva e permanente de festa motivou a realização, por parte de Robert Filliou, do *Aniversário da Arte, happening* inscrito dentro do movimento Fluxus, concretizado em 1973, em Aix-la-Chapelle, com votos renovados a 17 de janeiro de 1974, em Coimbra na festa comemorativa do 1.000.011.º Aniversário da Arte.

Posteriormente ao evento de Coimbra, Filliou comentou com Ernesto de Sousa que a realização daquela festa poderia bem ser a antecipação de que um 25 de abril teria de estar perto.

*A Revolução Tem de Estar Perto* é um projeto curatorial em progresso, desenvolvido em torno da centralidade de Ernesto de Sousa e da importância do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) na construção e partilha de ideias de vanguarda nos anos 1970 e 1980.

De forma simultânea ou sequencial, apresenta-se, sob a forma expositiva ou instalativa, trabalho de investigação de base documental, reconstituição de projetos apresentados no contexto dos anos 1970 e, finalmente, a instalação de novas narrativas resultantes da releitura crítica dos conteúdos originais.

*A Revolução Tem de Estar Perto (parte 1)* estruturou-se a partir da seleção e organização de um arquivo documental diretamente ligado a eventos organizados ou participados por Ernesto de Sousa. Neste contexto, reconstituiu-se a instalação *Olympia*, que teve a sua primeira apresentação na mesma sala preta do CAPC em 1979. A relevância e atualidade foram reforçadas por um núcleo de duas dezenas de cartazes e provas de artista que, mostrando os ecos dos anos 1970 na atualidade, permitiram uma reflexão contemporânea sobre o seu sentido, relevância e proximidade.



## Danças do Mundo: do elogio da diversidade cultural à universalidade da dança

SOPHIE COQUELIN \*

A categorização das práticas coreográficas a partir do país ou região de origem, assim como as expressões genéricas como o tango ou samba, respondem a uma lógica de diferenciação similar, de uma certa forma, ao processo de construção das identidades como o nacionalismo. Não obstante, numa época de globalização e de mobilidades crescentes tanto dos bens culturais como das pessoas, esta categorização levanta uma série de questões. A primeira tem a ver com a dimensão essencialista da noção de cultura que padece da inclusão de fenómenos dinâmicos ligados às mobilidades, tal como os processos de apropriação, empréstimos e aculturação que influenciaram as práticas culturais em todos os tempos. Exagerando, podíamos associar a identificação de uma dança a partir de uma referência geográfica como uma negação do que é próprio ao ser humano: o diálogo com o outro. Por outro lado, o ser humano é animado por uma necessidade de

organização do mundo que o rodeia, donde nascem representações do outro. Um exemplo ilustrativo é a *Dança Africana*, associada a uma forma estereotipada de práticas performativas com ritmos percussivos e movimentos muito enérgicos dos corpos, mas longe de cobrir a variedade de danças que existem neste grande continente. Dito isso, encontrar um compromisso entre representações e considerações filosóficas de pensar a relação com o Outro parece uma tarefa intransponível. Não haverá solução perfeita mas sim um compromisso que merece ser discutido. A escolha da expressão *Danças do mundo* atravessa a questão da diferenciação para destacar a universalidade do próprio ato de dançar: relacionar-se com o outro através da expressão corporal. Entre respeito pela alteridade, discriminação positiva ou valorização da diversidade social e cultural, trata-se de sublinhar o diálogo, independentemente

de quem é o Outro: a criança, o idoso, a mulher, o portador de deficiência, o vizinho ou o habitante de uma cidade longínqua.

A dança não se resume a movimentos coreografados, passos e movimentos. Incorpora valores, símbolos culturais e representações do mundo que nos faz pertencer a algo maior: a sociedade com a qual nos relacionamos. O corpo é transmissor-recetor de emoções e sensações, confrontando de forma efémera e intensa a nossa intimidade de tal maneira que transcendemos as normas sociais que o enquadram. Será por acaso que os bailes de outrora como os de hoje são os palcos de encontros que marcam o princípio de tantas histórias de amor, mas também os espaços de convergência de todas as gerações?

\* Membro da PédeXumbo – Associação para a Promoção de Música e Dança, e mestre em Antropologia.





# A CIÊNCIA CIDADÃ COMO REDE DE CONHECIMENTOS

TIAGO SANTOS PEREIRA \*

A imagem de astrónomos amadores, procurando identificar objetos celestes, ou de biólogos amadores, identificando diferentes espécies da natureza, é uma imagem que associamos a tempos passados na história da ciência. Num período em que a sofisticação técnica exige elevado financiamento para se ter acesso à mais moderna instrumentação, esses tempos de partilha entre os cientistas – os filósofos naturais – e os simples curiosos podem parecer algo distantes. Essa distância apresenta-se não apenas como uma distância temporal, de outros tempos, mas também uma distância física, dos diferentes espaços ocupados pelos cientistas e pelo público, e epistémica, de diferentes espaços de conhecimento, que nos leva a questionar as relações entre os cientistas e os restantes cidadãos.

Na verdade, essa aparente proximidade de então era uma proximidade seletiva que se desenvolvia largamente dentro das salas privadas da aristocracia, de onde surgiam quer os que vinham a enveredar pela atividade científica quer os que faziam as suas observações como um mero interesse pessoal. Estes espaços formavam redes em que o conhecimento em construção ganhava credibilidade e afirmação na sociedade, como tão bem demonstrou o historiador de ciência Steven Shapin.

Mas com outros modos de afirmação da ciência, em particular na sequência da II Grande Guerra e dos contributos científicos para o seu desenlace, esse espaço de partilha veio a desvanecer-se, afirmando antes a centralidade de

outros espaços de afirmação da ciência, quer em redes de colaboração com a indústria, quer com o Estado e a implementação das suas políticas. O crescimento exponencial da ciência neste período, e dos seus custos, remeteu a participação amadora à condição de um *hobby*, uma atividade de lazer, que certamente poderia satisfazer a curiosidade dos que desenvolviam as suas observações mas aparentemente pouco poderia contribuir para a produção do conhecimento avançado.

No entanto, com as novas tecnologias da informação e da comunicação, em que todos nós somos permanentes produtores de informação, as cidadãs interessadas na ciência, e em contribuir ativamente na produção de conhecimento, parecem ter voltado a encontrar um novo espaço de intervenção e de colaboração na dinâmica científica atual. Com a dinamização de redes de conhecimento através da Internet emergiu um espaço de colaboração que se tem vindo a denominar de "ciência cidadã", descrevendo a participação em rede de cidadãs na produção de conhecimento científico. Se temos um problema complexo a investigar porquê mantê-lo dentro da esfera do laboratório, ou da academia, e não partilhá-lo para lá destes espaços, aproveitando o potencial interesse de muitos cidadãos que querem contribuir para a ciência? Se esta partilha já se realizava em várias outras áreas, como o *open-source software*, porque não na ciência? Foi esta a conclusão a que chegaram alguns investigadores e que os levou a procurar novos meios de interação com o público com vista a obter os seus

contributos para a investigação. Entre plataformas mais simples de recolha de dados e a criação de jogos com vista a incentivar a criatividade e a multiplicar opções, esta forma de ciência cidadã tem-se vindo a multiplicar em anos recentes.

O projeto SOCIENTIZE, em que participa a Universidade de Coimbra (UC) e o Museu da Ciência, sob a coordenação de Paulo Gama Mota, procura apoiar esta forma de ciência aberta, dinamizando a participação do público em geral, através de plataformas de integração de contributos dispersos para um objetivo comum. Nesta plataforma, o público pode colaborar em diferentes projetos, desde a análise de imagens de células, contribuindo para a investigação do cancro, análise semântica da distância entre palavras, recolha de temperaturas para a criação de mapas de temperaturas, contribuindo para modelos de utilização mais eficiente da energia, ou a exploração do espólio de mais de 30 mil imagens do Sol existentes no Observatório Astronómico da UC, resultado de um trabalho iniciado em 1926, através da análise pelos participantes de manchas solares, contribuindo assim para o estudos de fenómenos solares. O projeto SOCIENTIZE, financiado pela Comissão Europeia, colaborou também numa consulta pública lançada pela Comissão, preparando o “Livro Verde sobre Ciência Cidadã”, que foi objeto de discussão e que veio posteriormente a dar lugar a um “Livro Branco”, que esteve sob consulta pública.

Esta visão da "ciência cidadã" coloca, assim, ênfase na colaboração do público no processo de recolha e análise de dados em amplos projetos de investigação. Mas a cidadania científica extravasa um modelo de participação definido em torno de uma metodologia e recolha de dados previamente definidos pelas cientistas. A participação cidadã nas redes de conhecimento define-se também pela contribuição do público para a formulação de questões, discussão de hipóteses ou interpretação de resultados com base em conhecimentos baseados na sua experiência. Nesta linha, já em 1995 Alan Irwin falava de "ciência cidadã" para ilustrar, e defender, a intervenção cidadã na produção de conhecimento. Áreas como a saúde, onde a participação ativa de associações de doentes assume particular relevância na definição de agendas de investigação, ou como o ambiente, em que conhecimentos locais são cruciais para o melhor conhecimento da evolução dos sistemas e das suas implicações para políticas públicas, são particulares exemplos destas experiências, cuja importância é por vezes negligenciada nos processos de decisão.

O projeto BIOSENSE, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), desenvolvido entre o Centro de Estudos Sociais (CES) e o Instituto de Biologia

Molecular e Celular e coordenado por João Arriscado Nunes, procurou também desenvolver uma plataforma para outras formas de ciência cidadã, através da produção de conhecimento colaborativo, de investigação-ação, entre investigadores e outros atores sociais, com vista à resolução de problemas de interesse coletivo. Neste caso, inspirando-se no modelo das *Science Shops* existentes predominantemente no norte da Europa, esta plataforma enfatizou a definição coletiva de problemas para investigação com uma ampla base de participação e o seu acompanhamento continuado.

Foram assim desenvolvidos projetos em torno de temas como as doenças neurodegenerativas, com a colaboração do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC), os determinantes sociais da saúde, com a Fundação Oswaldo Cruz do Brasil, a gestão de florestas para a prevenção de fogos, com o Laboratório de Estudos sobre Incêndios Florestais (LEIF), comportamentos alimentares, e implicações nutricionais, em situações de vulnerabilidade social, com a Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto (FCNAUP), diálogos e colaborações em torno da gaguez, com a Associação Portuguesa de Gagos (APG), colaboração com escolas para o desenvolvimento de atividades locais de educação ambiental e para a saúde, ou o apoio a projetos de hortas urbanas na periferia de grandes cidades, com associações locais. O projeto SCRAM (também financiado pela FCT), coordenado por Rita Serra, a partir do CES e em colaboração com a autarquia de Vilarinho, no distrito de Coimbra, permitiu uma experiência inovadora de construção de novas abordagens à gestão de florestas em terrenos baldios.

Estas diferentes experiências, bem como dos projetos Ibercivis e GeObserver, foram apresentadas e discutidas no seminário “Ciência Cidadã: Um Elo entre a Ciência e a Sociedade”, organizado conjuntamente pelo Museu da Ciência e pelo CES, no dia 5 de março, no âmbito da XVI Semana Cultural da UC.

A "ciência cidadã" emerge assim como uma forma mais visível de participação do público na produção de conhecimento - uma forma de *crowdknowledge* em tempos de *crowdfunding* –, mas é também importante que os meios de participação dos cidadãos na ciência não se limitem a estes modelos pré-formatados, contribuindo também para a definição coletiva de agendas e de questões no contexto do desenvolvimento de "investigação e inovação responsáveis".

\* Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

# O JUDO COMO O MELHOR USO DE ENERGIA EM REDE

ALAIN GUY MARIE MASSART \*

O Mestre Kiyoshi Kobayashi será sempre recordado como o pai do Judo Português. Em pouco mais de 50 anos, conseguiu incutir o gosto pela modalidade nos diferentes escalões da sociedade portuguesa. Pertencia a um grupo de peritos que, desde o período pós-guerra 1940-1945, foram espalhados pelo mundo para divulgar o Judo. Apesar do confronto de culturas muito diferentes e da presença bem enraizada da esgrima, do boxe, da luta olímpica e de outras lutas tradicionais, estes Mestres souberam criar uma rede, que expandiu o Judo a tal ponto, tornando-se este um dos desportos federados mais praticados no mundo.

Uma das razões que pode explicar o sucesso desta rede é o facto de o Judo ter sido o primeiro desporto baseado em princípios e meios claramente definidos pelo seu fundador, o Mestre Jigoro Kano. Ainda que fundadores de alguns desportos tivessem sido conhecidos, nenhum deles os dotou de uma essência.

O Mestre Kano foi considerado um dos melhores pedagogos do início do século XX no Japão. O seu empenhamento para modernizar o ensino nacional levou-o a estudar de forma aprofundada os sistemas educativos de diversos países ocidentais. O seu grande interesse pelas correntes filosóficas, tanto no oriente como no ocidente, teve grande influência sobre o seu trabalho, que foi publicado em livros e artigos. Ardente defensor da inclusão da Educação Física na formação dos jovens, e praticante assíduo de jujutsu (técnicas de ataque e de defesa baseadas sobre a utilização da força do adversário), Kano quis propor uma Educação Física ideal, centrada sobre o desenvolvimento físico, mental e cognitivo do indivíduo, em prol da sociedade. Este método, provavelmente inspirado pelo utilitarismo de John Stuart Mill, reorganizou e desenvolveu as técnicas do jujutsu, numa progressão pedagógica baseada na pesquisa do princípio do melhor uso da energia. Assim nasceu o Judo (via ou escola do melhor uso da energia).

“A prática do randori (combate de treino) é o estudo das relações entre dois combatentes em oposição. Podemos retirar deste estudo centenas de lições úteis para a vida e desenvolver naturalmente as faculdades humanas”; “Uma vez bem entendida a importância real dos princípios do Judo, podemos aplica-los em todos os aspetos da vida,

para viver melhor, a menor custo, permitindo-nos ser mais realizados e racionais” (J Kano).

Esta aposta educativa do fundador do Judo, tem-se revelado frutuosa. Apesar do Judo ser uma modalidade pouco mediática, graças ao contributo que teve na formação das pessoas ou dos seus filhos, muitos deles contribuíram para o crescimento desta rede, fazendo publicidade, abrindo clubes, etc. O Judo é atualmente reconhecido pela UNESCO como uma modalidade altamente educativa. Para ilustrar o nosso propósito, gostaríamos de terminar explicando o significado da queda. Para o Judoca, cair pode significar perder. Todavia, para se tornar um perito, terá que cultivar a arte de cair – esta será a sua primeira aprendizagem na modalidade.

“É impossível ser um especialista de Judo quando se tem medo de cair. Para lidar com os ataques e tornar-se capaz de tomar a iniciativa de atacar, é indispensável perder o medo de ser projetado através da prática das quedas. É a única maneira de se poder aprender a verdadeira técnica. Quem entra num combate com a ideia de não perder, optará por um estilo rijo e defensivo, o que é uma atitude indesejável para produzir ações efetivas. Quem olha para o futuro não deve estar preocupado com ganhar ou perder, mas sim de libertar o seu corpo para ser capaz de atacar e de defender em função das oportunidades” (J Kano).

A mestria da queda é um ponto essencial para aceder ao primeiro princípio do Judo do melhor uso da energia. Aprender a vencer o medo de cair torna-se importante para lidar com outros medos, como perder ou falhar, que paralisam as pessoas e as tornam pouco produtivas.

A arte não é de nunca cair, mas é de saber que quando isto acontece, somos capazes de nos levantar com novas oportunidades de nos corrigirmos e de progredirmos. Num mundo cada vez mais competitivo, este simbolismo é de uma importância primordial. A juventude, através da prática do desporto competitivo e bem orientada, pode retirar muitos benefícios, sem grandes riscos para o seu futuro!

\* Professor na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

# F A M Í L I A S E R E D E S S O C I A I S

SÍLVIA PORTUGAL \*

A popularidade do conceito de rede e o reconhecimento das suas capacidades descritivas e explicativas estendem-se, crescentemente, a múltiplos domínios científicos e temáticas de investigação. A sua aplicação ao estudo da(s) família(s) revela enormes potencialidades heurísticas, permitindo, simultaneamente, olhar o interior da família e as suas relações com o exterior: o Estado, o mercado, a comunidade.

De uma forma operacional, a análise a partir das redes sociais permite sintetizar questionamentos complexos acerca das relações familiares e do seu papel nas estruturas sociais em questões muito simples: Quem? O quê? Como? – Quem faz parte das redes? Quais os fluxos que circulam nas redes? Que normas regulam a sua ação? Esta abordagem permite conhecer, conjuntamente, a forma e o conteúdo das relações sociais.

Numa pesquisa que realizei sobre os modos de acesso aos recursos de bem-estar de jovens famílias com dupla inserção no mercado de trabalho, cujos cônjuges tinham idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos, procurei responder a estas questões, analisando um tempo de (re)organização de recursos materiais e afetivos.

Quem são os elementos da rede? Com quem se pode contar? A quem se recorre quando se precisa de emprego, de habitação, de cuidados de saúde? A quem se deixam as crianças? A quem se pede dinheiro emprestado? A quem se contam os segredos? Para uns, as respostas a estas e outras questões permitem identificar múltiplas relações, para outros, com diferentes perguntas obtêm-se sempre os mesmos nomes. A morfologia das redes é diversa, mas uma característica é transversal: a clara distinção entre as relações de parentesco e as restantes relações sociais. Existe a família e existem “os outros”, que, quando são importantes, são “como se fossem da família”. Os laços de parentesco adquirem força pela sua permanência no tempo, pela resposta que dão a necessidades materiais e afetivas, pelo referencial de segurança e proteção que constituem, pela confiança que inspiram, pela possibilidade de construção de um “nós” que representa uma esfera privilegiada de referência identitária e de pertença.

O familismo das redes é alimentado por intensas relações intergeracionais, uma forte matrilinearidade e uma nítida preponderância dos laços do lado da mulher. Estas três características resultam de uma complexidade de elementos: consanguinidade, afetos, apoios, sociabilidades, direitos legais, obrigações morais, modos de ser, de fazer e de pensar que se constroem no tempo longo da continuidade geracional que só a família garante.

A normatividade das relações familiares é clara – reciprocidade, dever, obrigação, igualdade, autonomia – mas a sua análise detalhada desvenda princípios contraditórios, resistências, tensões e conflitos. A norma da reciprocidade conflitua com a assimetria das trocas; a dádiva coexiste com o interesse utilitário; o sentimento de obrigação choca com o primado da liberdade e da afetividade; o princípio da igualdade é minado pelas desigualdades sociais e sexuais; a autonomia é ameaçada pela dependência dos apoios. O parentesco tem, no entanto, propriedades alquímicas que conferem congruência a todas estas dissensões. Os atos mágicos que permitem esta alquimia fundam-se no primado do laço social sobre as coisas, no predomínio do sistema de dádiva. É tudo isto o resultado presente de uma herança do passado? Sim e não. A importância da família na produção de bem-estar resulta, sem dúvida, da persistência de um modelo no qual os indivíduos aprenderam a contar apenas consigo próprios. Mas deriva, também, de novas configurações, que são hoje profundamente desafiadas. As atuais políticas económicas e sociais colocam em causa o modelo de palimpsesto, em que novo e antigo, tradicional e moderno, se conjugavam, criando formas de proteção social distintivas no contexto europeu. O desemprego elevado e persistente, o aumento das desigualdades no rendimento, o crescimento da pobreza, a redução dos benefícios sociais conduzem, simultaneamente, a um aumento do nível e da heterogeneidade do risco social, e a uma erosão das redes sociais que dele protegem a população.

\* Investigadora do Centro de Estudos Sociais e professora da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra





Mapeamento cultural pode ser definido como um processo capaz de identificar e inventariar os elementos tangíveis e intangíveis que contribuem não só para a definição das qualidades únicas e específicas de uma determinada comunidade, mas também para o seu sentido de lugar. O processo de mapeamento cultural é capaz de revelar elementos inesperados tais como atores culturais, acontecimentos e histórias e contribuir para um aprofundamento do conhecimento disponível sobre uma determinada comunidade, a sua história e a suas dinâmicas contemporâneas – tornando-as mais visíveis e compreensíveis. Os mapas resultantes destes processos são, então, usados como ferramentas de ajuda das comunidades para reconhecer, valorizar e defender a sua diversidade cultural, através de estratégias e de projetos relacionados com o seu desenvolvimento económico, social e cultural. Para registar e interpretar de forma útil as características e os valores de uma dada comunidade deve procurar-se o envolvimento da maior variedade possível dos seus membros e dos seus residentes. Esta exigência implica a

mobilização da diversidade de cidadãos que vivem nessa comunidade, não só do ponto de vista étnico, mas também no que se refere às diferentes classes económicas, orientações sexuais, idade e religião. Com o tempo, tem-se passado a recorrer igualmente ao *design* participativo, às práticas artísticas e às possibilidades das tecnologias digitais móveis capazes de melhorar consideravelmente este envolvimento alargado.

O mapeamento cultural permite a criação de plataformas ideais para a discussão e o intercâmbio de conhecimento entre diferentes membros das comunidades, criando novas formas de comunicar e construindo potenciais redes intersectoriais. O processo de reunir pessoas para que possam partilhar conhecimentos e histórias, juntamente com as relações de trabalho que daí podem surgir, acabam frequentemente por ter um valor adicional maior do que o dos próprios mapas que são gerados nesse processo.

Para além do que foi referido, o mapeamento cultural deveria ser visto como uma ferramenta para o processo de desenvolvimento social, cultural e económico de uma

# MAPEAMENTO CULTURAL: UMA PLATAFORMA PARA A CRIAÇÃO DE REDES

NANCY DUXBURY \*

comunidade. O “mapa” não deveria acabar por ser apenas o fim do envolvimento da comunidade, mas a plataforma sobre a qual novas colaborações e parcerias podem passar a ser construídas. Esta perspetiva a longo prazo implica a consideração de questões relacionadas com processos já em curso e com a possibilidade da utilização de dados que foram compilados e organizados coletivamente. Do ponto de vista da participação cidadã levanta-se, igualmente, o problema de como o processo de mapeamento cultural inicial – baseado na recolha comunitária de informação de forma orientada – poderá vir a ser alargado a outras atividades análogas baseadas na monitorização das comunidades e relacionadas com os processos de governança.

Recentemente, várias disciplinas adotaram o mapeamento cultural como método de pesquisa, e várias abordagens “tradicionais” têm vindo a ser repensadas e alargadas a práticas de mapeamento cultural com o auxílio de novas metodologias e objetivos durante o seu processo de aplicação. Reconhecendo a expansão desta nova perspetiva intelectual e o impacto das práticas comunitárias, o Centro de Estudos Sociais (CES) organizou a conferência internacional *Mapping Culture: Communities, Sites and Stories* (28-30 de maio, 2014), para reunir artistas, investigadores de diversas disciplinas e profissionais do planeamento cultural e partilhar as mais recentes práticas e questões colocadas nos 28 países participantes. Serão aprofundadas três vertentes principais: envolvimento participativo de comunidades; métodos de mapeamento de intangibilidades baseadas no lugar; e relações entre a investigação multidisciplinar e as práticas de desenvolvimento local. Durante a conferência, uma oficina de três dias para parceiros do projeto Artéria (uma colaboração entre o CES e O Teatrão) serviu para apoiar agentes de cidades da Região Centro na elaboração de iniciativas de mapeamento cultural, a serem implementadas a curto prazo. Por todas as razões mencionadas, a conferência constituiu um importante momento na emergência deste novo campo de investigação e de prática transdisciplinar através do diálogo e do estabelecimento de redes a nível internacional e local.

\* Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra



Um momento do processo de mapeamento da comunidade de pescadores de Marsaxlokk, Malta, Fevereiro-Abril 2012. Foto: Davide Viridis.



# a rede de castelos e muralhas do Mondego

LUÍS MATIAS \*

A criação da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego recupera uma linha militar criada em tempos anteriores à fundação da nacionalidade, mas para ela matricial. Em 1064, Fernando Magno, rei de Leão, recuperava definitivamente Coimbra para o lado cristão, um episódio de importância capital no longo processo da Reconquista Peninsular. Nas décadas seguintes, a cidade e a bacia do Mondego assumiriam, nesta faixa ocidental, a linha de fronteira entre cristãos e muçulmanos. Ao comando deste território, e com vasta experiência pessoal desses dois mundos, tão antagónicos quanto intercomunicantes, ficava o moçárabe Sessando Davides. A ele se deve a (re) construção de um conjunto de estruturas defensivas que constituem parte fundamental do património que fundamenta a rede. Os Castelos de Coimbra, Lousã, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penela, Soure e a atalaia de Buarcos, formaram, entre outros, a Linha Defensiva do Mondego. A esta fronteira associaram-se anos mais tarde, e por mão de figuras como Afonso Henriques ou Gualdim Pais, outras estruturas como o Castelo de Pombal e o do Germanelo, que vêm consolidar esta fronteira, palco de conflitos armados, de instabilidade e perigo, mas também de convivências e trocas intensas. Uma História fascinante da qual somos herdeiros.

A Rede de Castelos e Muralhas do Mondego ancora-se nessa mesma História para criar, a partir do património histórico e cultural que a testemunha, um produto turístico de excelência, assente na mobilização de dinâmicas conjuntas. Para o cumprimento desse desígnio associaram-se 12 parceiros: a Direção Regional de Cultura do Centro, a Entidade Regional de Turismo do Centro de Portugal, o Instituto Pedro Nunes, os Municípios de Coimbra, Figueira da Foz, Lousã, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penela, Pombal e Soure e a Universidade de Coimbra. Juntos, dão corpo à Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego, uma entidade criada com base no Pacto para a Competitividade e Inovação Urbana, que as comprometeu no cumprimento de um programa estratégico comum, apresentado no âmbito da Candidatura ao Mais Centro, Eixo 2 - Programa Política de Cidades - Redes Urbanas para a Competitividade e Inovação. O Programa Estratégico, com um investimento que

rondava os dez milhões de euros, foi aprovado em dezembro de 2010. Este foi montado com base numa carteira de projetos, promovidos por diferentes entidades, que procuram no seu conjunto criar condições para dignificar a história e criar a partir do património, físico e intangível, um produto cultural e turístico de excelência. A Agência é uma associação sem fins lucrativos que acompanha todos os projetos individuais de cada um dos seus parceiros, promove os projetos imateriais da Rede e promove a cooperação em projetos de desenvolvimento cultural, identitário, social e económico.

A Agência, enquanto promotora, lidera duas operações. Por um lado, encontra-se a trabalhar no lançamento de ações de capacitação e projeção da Rede, ou seja, na organização de produto turístico para oferecer num futuro próximo *flyers* dedicados aos monumentos, áudio-guias, sinalética, roteiros, um jogo estratégico online, equipamentos virtuais, entre outros. Como marca agregadora do património medieval, estamos a trabalhar na vertente do empreendedorismo cultural. Aliás, a importância da Rede decorre das oportunidades que pretendemos gerar no território. Pretende-se criar um produto diferenciado que contribua para a dinamização da base económica local. Por isso, estamos a trabalhar na criação do Guia de Apoio ao Empreendedorismo Cultural, em *workshops* que criem oportunidades de encontro, no lançamento de eventos de interpretação histórica.

Atualmente, em simultâneo com os projetos cofinanciados, os parceiros assumem, no Plano de Ação, um conjunto de iniciativas de envolvimento comunitário e de animação territorial, que tem permitido gerar relações entre pessoas e entidades e que, por isso, tem consolidado formas de atuação conjunta na Rede. A caminhada que empreendemos é longa e desafiante. Todos somos convidados a partir à reconquista deste património!

Mais informações em:  
[www.castelosemuralhasdomondego.pt](http://www.castelosemuralhasdomondego.pt)

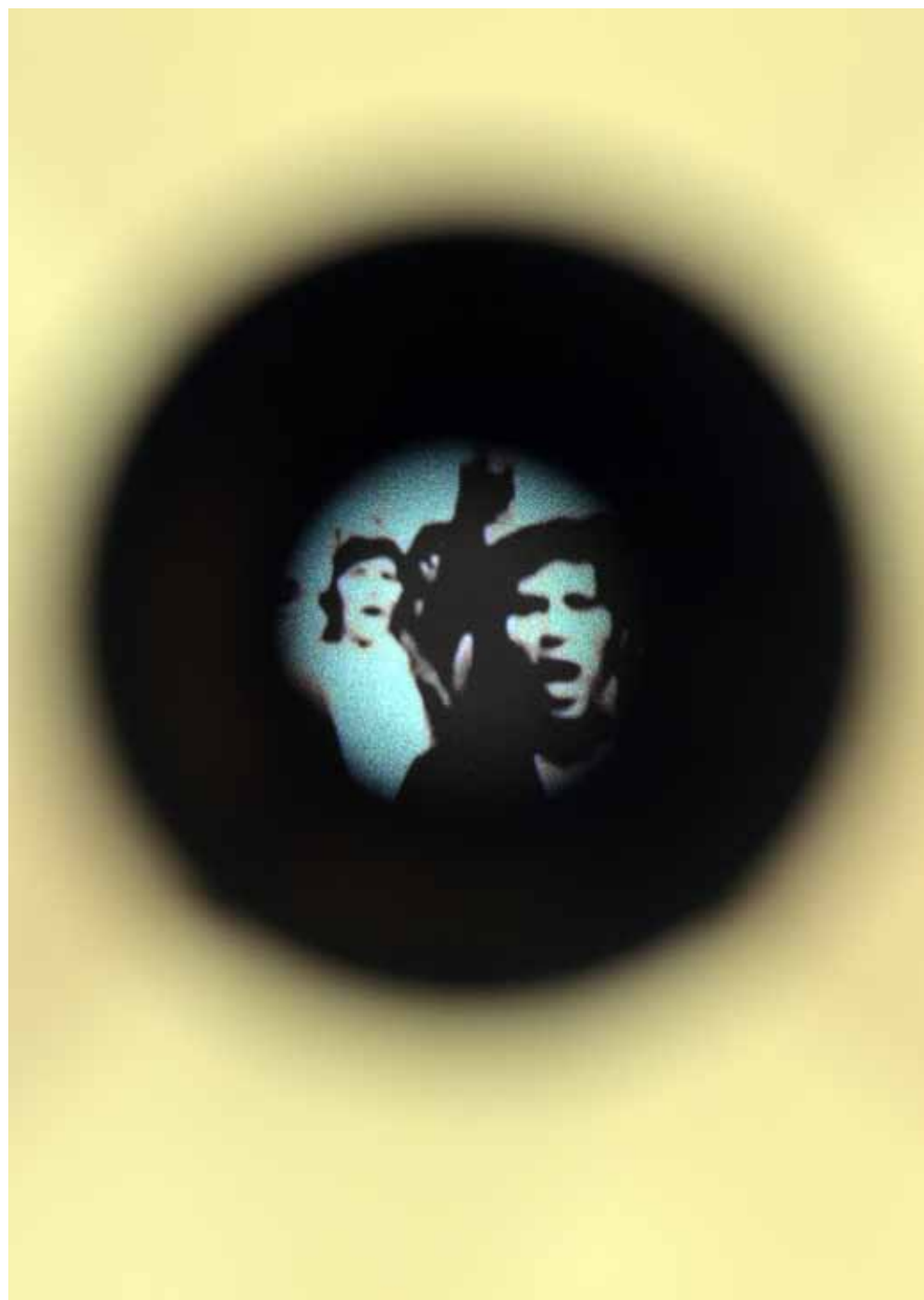
\* Presidente da Direção da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego

CARINA GOMES \*

# agenda7-coimbra

agenda7-coimbra.pt

## porque coimbra acontece todos os dias



ARTIMINI (Philippe Martini) - REDES\_SCUC 2014 foto: João Armando Ribeiro

“O que vale a cultura para as cidades contemporâneas? De que modo e com que efeitos tem a cultura, associada ao turismo e às políticas de planeamento e desenvolvimento urbano, vindo a concorrer para a reordenação do espaço e da vida económica e social das cidades?”<sup>1</sup>

Há muito que estas questões vêm sendo debatidas em Portugal e, principalmente, na Europa, onde, sobretudo desde os finais da década de 1970 e início dos anos 1980, proliferaram discursos e políticas para as cidades que tomam a cultura e, mais recentemente, a criatividade, como instrumentos estratégicos para o desenvolvimento e o reforço da competitividade urbana.<sup>2</sup> A atenção à cultura, em sentido amplo, como modo de valorização das cidades, seja em forma de arte, de história ou arquitetura, de conhecimento, recreação ou da vida quotidiana tem sido uma constante. Além de uma ideia de cultura como ingrediente fundamental do ambiente urbano e da configuração social das cidades, foi-lhe sendo associado, também, um sentido instrumental – pelo papel que, aliada ao turismo e à criatividade, pode desempenhar na regeneração económica das cidades e nas suas estratégias de promoção externa.<sup>3</sup> Pese embora a ampla discussão já produzida em torno destas questões, elas revestem-se de uma especial relevância no Portugal atual – num momento em que as instituições públicas enfrentam sérias dificuldades financeiras e em que a cultura é frequentemente secundarizada e hipotecada em virtude de outras prioridades estatais. Em Coimbra, como resultado de uma parceria entre a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e a Universidade de Coimbra (UC), a Agenda7Coimbra, lançada em abril passado, materializa uma nova atenção e um novo olhar sobre a atividade cultural da cidade, representando o principal agregador informativo *online* dos eventos que aí têm lugar. Exposições, teatro, música, cinema, conferências e demais atividades ligadas à cultura e ao turismo estão agora disponíveis e atualizadas num único sítio. Inicialmente criada pela UC, a plataforma foi repensada e renovada, fruto da associação com a CMC, nascendo, assim, com um novo aspeto gráfico, novas funcionalidades e nova identidade. A Agenda7Coimbra assume-se, agora, como canal privilegiado de divulgação cultural, científica, desportiva e turística de Coimbra, assente numa estratégia de cooperação e trabalho em rede com os principais agentes da cidade – aos quais se deve, em larga medida, o já comprovado sucesso e a amplitude desta iniciativa.

Na esfera cultural, a missão de valorizar Coimbra, sufragada em setembro de 2013, apontava para o reposicionamento da cidade na agenda cultural nacional e internacional, como lugar, por excelência, do conhecimento, da criatividade e da cultura e para a promoção das atividades produzidas pelas várias entidades culturais da cidade, envolvendo-as num projeto integrador alternativo, com o qual, por outro lado, a população se identifique e no qual se reveja. Para tal, não basta programar cultural e turisticamente e apoiar os criadores, os artistas e as estruturas culturais da cidade. Um tal projeto obriga também à inovação nas formas e nos canais de promoção e divulgação das várias agendas da cidade.

Na prossecução de tais objetivos, era imperioso incentivar novos lugares de encontro entre criadores e públicos e criar novas plataformas de apresentação do trabalho artístico e cultural da cidade. Como corolário natural dessa estratégia e tendo em vista a sua concretização, era igualmente imperativo aprofundar e sistematizar as relações de cooperação formal com as instituições de Ensino Superior, nomeadamente, com a UC. A Agenda7Coimbra resulta justamente dessa conjugação de vontades para a valorização de Coimbra. A sua missão consiste em espelhar uma cidade que “acontece todos os dias”, em vários domínios da criatividade, da cultura, das artes, da ciência e do conhecimento, do desporto e do turismo. É, por isso, um projeto da cidade e para a cidade.

No cenário do Portugal atual, é absolutamente necessário desenvolver esforços continuados para que os modos e as vias de divulgação e promoção estejam à altura da elevada qualidade dos nossos artistas, criadores e estruturas culturais e da significativa oferta que marca a identidade da nossa cidade. A Agenda7Coimbra consiste, assim, num projeto de *engrandecimento* da cidade, na medida em que lhe permite sair para fora de si própria, projetar-se no exterior e, por essa via, regenerar-se social e economicamente. Aproveitando o saber científico e técnico que é desenvolvido na UC e as cada vez mais estreitas relações entre esta instituição de excelência e a CMC, dirigida a todos os públicos em geral, com uma gestão descentralizada, dotada de várias funcionalidades permanentemente atualizadas, com uma interação natural com as redes sociais e, finalmente, acolhendo todos os tipos de culturas, a Agenda7Coimbra mais do que duplicou o número de parceiros inscritos desde o momento do seu lançamento. Este é o melhor indicador do sucesso de tal iniciativa. Uma iniciativa que, ao valorizar todas as culturas de Coimbra, promove uma cidade que é Património Mundial da Humanidade, estimando o seu passado, incentivando o presente e recriando o futuro.

\* Vereadora da Câmara Municipal de Coimbra.

<sup>1</sup> Ferreira, Claudino e Gomes, Carina (2012), "A cultura, o turismo e as políticas para as cidades", in Rui Jacinto (org.), *Patrimónios, Territórios e Turismo Cultural: Recursos, Estratégias e Práticas*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos e Âncora Editora, 25-47.

<sup>2</sup> Balibrea, Mari Paz (2001), "Urbanism, culture and the post-industrial city: challenging the 'Barcelona model' ". *Journal of Spanish Cultural Studies*, Vol. 2, N. 2, 187-210.

Gomes, Carina (2013), *Cidades e Imaginários Turísticos: Um estudo sobre quatro cidades médias da Península Ibérica*. Tese de Doutoramento em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

<sup>3</sup> Evans, Graeme e Ford, Jo (2006), "Small cities for a small country. Sustaining the cultural renaissance?" , in David Bell e Mark Jayne (eds.), *Small Cities: Urban experience beyond the metropolis*. New York: Routledge, 151-167.

Fortuna, Carlos et al. (2012), *A Cidade e o Turismo: dinâmicas e desafios do turismo urbano em Coimbra*. Coimbra: Almedina.

# INTERNET

## PASSADO, PRESENTE E FUTURO

FERNANDO P. L. BOAVIDA FERNANDES \*

Nos dias de hoje, a Internet e as suas tecnologias são incontornáveis, condicionando todos os ramos de atividade. É-nos já difícil imaginar como seria o mundo sem Internet, tão grande seria o impacto que isso teria na ciência e na tecnologia, na indústria e no comércio, na cultura e no lazer e, portanto, na economia, na sociedade e nas pessoas. Importa, por isso, conhecer um pouco melhor a história desta rede, por forma a entender o presente e perspetivar o futuro.

### 1. Breve história da Internet

Em 1969, uma agência norte americana de investigação – a *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA) – lançou um projeto cujo objetivo era o de desenvolver uma rede experimental robusta e fiável – qualidades indispensáveis para aplicações em ambiente militar. Na fase inicial desse projeto, essa rede, chamada ARPANET, era constituída por quatro computadores.

A fase experimental do projeto estendeu-se até 1975, tendo um crescimento considerado muito grande: em 1971 tinha 13 computadores, em 1972 tinha 35 e em 1975 interligava já 63 computadores. Terminada a fase experimental da rede, sucedeu-se a fase operacional, tendo a administração da rede passado para uma agência do Departamento de Defesa [*Department of Defense* (DoD)] dos Estados Unidos da América. Foi já nessa fase que foram desenvolvidos muitos dos protocolos (regras de comunicação) que são hoje a base da atual Internet como, por exemplo, os protocolos TCP e IP, desenvolvidos em 1977.

Em 1983, a ARPANET foi separada em duas componentes: uma rede para fins e ambientes militares – a MILNET – e a restante ARPANET. À rede global, composta por

estas duas, chamou-se Internet. À medida que a rede crescia, muitas outras organizações se ligaram à Internet, das quais a *National Science Foundation* se destaca. Em 1986, a Internet ligava já 5089 computadores, em 1988 abrangia 56 mil computadores e em 1989 registava o número impressionante de 80 mil computadores. Em 1990, a designação ARPANET é abandonada em detrimento da designação Internet já largamente utilizada na altura.

No início dos anos 1990 é criada, em Portugal, a RCCN – Rede para a Comunidade Científica Nacional –, uma rede de dimensão nacional, interligando Universidades públicas, gerida pela Fundação para a Comunidade Científica Nacional (FCCN) e ligada à Internet através da rede europeia EBONE. Começam nessa altura os trabalhos para ligação da Universidade de Coimbra à Internet, sendo a ligação formalmente ativada em 9 de fevereiro de 1993. Atualmente, a rede sucessora da RCCN – a Rede de Ciência, Tecnologia e Sociedade, RCTS – encontra-se ligada à Internet através da rede GEANT2.

No final de 1995, a rede Internet ligava já cerca de oito milhões de computadores, chegando a cerca de 20 milhões de utilizadores em todo o mundo. No final de 1999 o número de computadores ligados à Internet atingiu os 56 milhões, chegando a cerca de 180 milhões de pessoas. No último trimestre de 2000 o número estimado de computadores ligados à Internet era de 93 milhões. Este número continuou a crescer, atingindo cerca de 440 milhões em 2006, 685 milhões em 2009 e cerca de 900 milhões em 2010, abrangendo cerca de dois mil milhões de utilizadores. Estima-se que hoje cerca de três mil milhões de pessoas utilizem a Internet.

### 2. World Wide Web

Muitos fatores contribuíram para o vertiginoso crescimento da Internet, mas é globalmente aceite que de entre todos há um que sobressai: o aparecimento da World Wide Web (WWW). O conceito base – o hipertexto – foi inventado em 1980 pelo cientista de computação britânico Tim Berners-Lee, mas só mais tarde, em março de 1989 (ou seja, há 25 anos), foi por ele proposto e desenvolvido um sistema de informação nele baseado, enquanto trabalhava no Centro Europeu de Pesquisa Nuclear (CERN), na Suíça.

O projeto foi abraçado por Robert Cailliau, um cientista de computação belga, também então no CERN, tendo sido reescrito e melhorado. Apesar disso, o projeto recebeu pouco entusiasmo quer dentro da instituição quer por parte da indústria, que via pouco interesse em estender o conceito de hipertexto à Internet. No entanto, em agosto de 1991 foi colocado online o primeiro sítio web da história, que ainda hoje pode ser acedido em <http://info.cern.ch/hypertext/WWW/TheProject.html>.

Tim Berners-Lee é reconhecido no mundo inteiro como o inventor do WWW e desde a sua invenção tem mantido um papel extremamente ativo no seu desenvolvimento, em vários organismos mundiais, como sejam a *World Wide Web Foundation* ou o *World Wide Web Consortium*. No entanto, apesar do enorme impacto que a sua invenção teve no mundo, afirma, com grande humildade, que se limitou a construir algo com elementos que já existiam, nomeadamente o conceito de hipertexto (de sua invenção), o protocolo TCP (*Transmission Control Protocol*) e o serviço de nomes da Internet [*Domain Name System* (DNS)].

Com o aparecimento do WWW, o acesso a repositórios de informação, até aí tipicamente feito através do protocolo FTP (*File Transfer Protocol*), passou a estar à distância de um clique. Esta “pequena” simplificação foi, como muitas vezes acontece, o catalisador de uma reação explosiva que ainda não terminou e que mudou o mundo em que vivemos.

Durante cerca de uma década, até 2002, o WWW cresceu de forma a afirmar-se como a mais importante aplicação da Internet. No entanto, até essa data as páginas Web eram, essencialmente, estáticas. Nessa altura começam a aparecer ideias e propostas no sentido de dotar as páginas web de dinamismo, possibilitando que os próprios utilizadores contribuíssem com informação, modificassem as páginas de forma dinâmica e interagissem entre si com base numa plataforma web. Nasceu, assim, o conceito de Web 2.0, que não traduz mais do que uma mudança na forma como as

páginas Web são construídas e utilizadas. Este conceito está na base das redes sociais.

### 3. A Internet dos nossos dias e perspetivas de futuro

A Internet dos nossos dias assume-se, por um lado, como enciclopédia universal, fonte de inesgotável sabedoria, quase com estatuto de mente superior, onisciente e omnipresente, divindade pagã que todos idolatram. Para muitos – cujo número não para de aumentar – se está na Internet é verdade, principalmente se estiver nalgum dos seus reputados e incontornáveis *sites*. Qualquer pessoa que se preze, qualquer iniciativa respeitável, tem que ter existência na Internet. Todo o “bom aluno”, com pretensão a uma boa nota, copia da Internet, quantas vezes não se dando sequer ao trabalho de ler – quanto mais perceber – o resultado do seu mecânico *copy/paste*.

Por outro lado, a Internet é, também, uma ferramenta para interação entre pessoas, em trabalho ou lazer, sobre a qual se executam incontáveis aplicações de todos os tipos e para todos os fins. Mas mais do que ferramenta para interação entre pessoas, começa a utilizar-se a Internet também para interação entre sistemas físicos. É a chamada Internet das Coisas (*Internet of Things*), que permite a construção de sistemas ciberfísicos, isto é, sistemas computacionais que controlam entidades físicas, utilizáveis em áreas como sejam a aeronáutica, os transportes terrestres, as redes de energia, água e gás, os cuidados de saúde, ou o entretenimento. Parece ser este o novo caminho a explorar na Internet.

Como dizem os Chineses, todas as grandes viagens começam com um pequeno passo. Foi também esse o caso da grande aventura da Internet, que mudou o Mundo em que vivemos mas que, na escala temporal da civilização, acabou meramente de surgir. Resta-nos imaginar até onde nos levará.

\* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

# 39

RL #40  
CIÊNCIA REFLETIDA

*“A universidade  
precisa de liberdade  
a todos os níveis”*

40

RL #40 | AO LARGO  
ENTREVISTA

ENTREVISTA

# António Sampaio da Nóvoa

MARTA POIARES

Doutorado em Ciências da Educação (Universidade de Genève) e em História (Universidade de Paris IV-Sorbonne), há mais de 20 anos que António Sampaio da Nóvoa faz da investigação nestas áreas uma missão. Carrega, em si, uma larga experiência internacional, de onde bebe ideias fundamentais de mudança para um futuro cá dentro. Habitado a receber convites por parte de inúmeras universidades, desempenha agora os cargos de consultor da UNESCO junto do Governo brasileiro e professor visitante da Universidade de Brasília. Durante sete anos foi Reitor da Universidade de Lisboa, da qual recebeu o título de reitor honorário, e um dos responsáveis pela “revolucionária” fusão da Clássica com a Técnica. Entre 1996 e 1999, foi consultor para a Educação do Presidente da República e, em 2005, recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública. Vê na austeridade e na burocracia os maiores inimigos da educação em Portugal, e considera angustiante a extinção do debate de ideias. Autor de discursos que o enconstam à memória e à disrupção, o vencedor do Prémio Universidade de Coimbra deste ano é apontado, pela voz da opinião pública, como próximo candidato a Presidente da República.

**Começemos pelo propósito e pelo inevitável: como é que recebeu o Prémio Universidade de Coimbra (UC)?**

Sei que é banal dizer, mas recebi com uma satisfação muito genuína. Por um lado, pelo inesperado, porque não estava, de todo, à espera. Era a última coisa que me passava pela cabeça. Depois, também por ser a UC, tendo eu sido reitor da Universidade de Lisboa (UL). Se fosse outra universidade qualquer de Portugal, provavelmente não teria acontecido. Acho que a única universidade que é capaz de um gesto destes é a UC. E isso deixou-me muito contente e muito reconhecido, também.

**Recebeu também o título de reitor honorário da Universidade de Lisboa (UL), onde esteve durante sete anos. Sente que é o reconhecimento de um longo percurso?**

É. Foram, sobretudo, sete anos muito intensos. A fase final do processo de reitor foi, precisamente, na altura do projeto de fusão da UL com a Universidade Técnica de Lisboa. Desde o princípio tinha dito que não seria candidato a reitor da nova universidade. Sentia-me mais livre para me bater pela fusão, mas apoiei desde o princípio a candidatura do António Cruz Serra, atual reitor. Julgo que a atribuição do título de Reitor Honorário foi uma maneira de reconhecer o percurso que fizemos juntos e também de me manter ligado à Universidade. O que contou muito para mim foi, sobretudo, esse reconhecimento.

**É diferente ser a própria Universidade a entregá-lo e não o Governo, como já aconteceu no passado.**

É diferente. Não faria nenhum sentido que o ministro agora se lembrasse de uma coisa dessas. Até porque sou uma pessoa que tem posições muito...

**Marcadas.**

Muito marcadas, sim. Mas acho que também sou capaz de construir consensos, isto é, também sou capaz de construir compromissos. Não abduco de certos princípios que acho fundamentais, mas abduco de muitos outros que não são. Foi esse reconhecimento comum que esteve presente quando tantas pessoas, no Senado e no Conselho Geral, votaram a atribuição deste título, o que acontece pela primeira vez na história da Universidade em Lisboa. Tanto quanto me dizem, houve um grande acordo nestes órgãos em torno da decisão final. Acho que isso é um sinal de reconhecimento forte.

**Essa questão de alcançar um consenso, uma unanimidade, é importante, para si?**

Não. A unanimidade, definitivamente, não. A unanimidade é a coisa mais horrível e mais ditatorial que existe. E nem sequer o consenso, no sentido do consenso “mole”. A primeira palavra que utilizou é a palavra certa: reconhecimento. É o reconhecimento de que podemos não ter estado de acordo, podemos ter discordado, podemos achar que houve coisas que correram melhor, outras que correram pior, mas há o reconhecimento de um percurso, de um percurso que foi feito em conjunto. Há o reconhecimento de que a Universidade avançou, mesmo numa fase difícil, no meio de tantos obstáculos, de tantas dificuldades.

**Refere-se às barreiras orçamentais.**

Repare, no caso da antiga UL, em sete anos, o nosso orçamento foi reduzido 50%. E a Universidade existe. Está aqui. A qualidade terá diminuído? Talvez sim, talvez não. Claro que não pudemos recrutar novos professores como gostaríamos, nem conseguimos a tão necessária renovação do nosso corpo docente, abrindo oportunidades para jovens altamente qualificados. Mas, apesar de tudo, temos a sensação coletiva de que “aguentámos”. Promovendo uma mudança profunda, criámos uma universidade maior e melhor.

**Depois de dar por concluída essa meta, ocupa agora um lugar diferente: consultor da UNESCO junto do Governo brasileiro e professor visitante da Universidade de Brasília. Já há muito tempo que recebia convites por parte do Brasil.**

Há muito, há muito.

**Porquê agora?**

Há uma coisa extraordinária, que aconteceu na minha vida, e que não entendo porquê, mas o meu trabalho académico é mais conhecido no Brasil do que em Portugal. Ganhou, pelo menos, uma difusão enorme desde a minha primeira ida ao Brasil, em 1994. E, desde essa altura, vou lá regularmente. E os colegas brasileiros convidavam-me muitas vezes para lá passar um ano. Sempre hesitei. A verdade é que o Brasil não é um país muito atraente do ponto de vista estritamente académico. E enquanto estive numa fase de construção da minha carreira académica, sempre preferi Oxford, Columbia (Nova Iorque), e outras universidades que me davam um maior lastro académico e científico. Nesta fase da minha vida, tenho outras preocupações: “Estou com 59 anos, tenho mais dez anos de vida académica pela frente. O que é que vou fazer com aquilo que sei, com a experiência que adquiri?”.



**Daí a escolha do Brasil, então.**

Exato. O Brasil tem mais de dois milhões de professores, as escolas públicas são ainda muito fracas e a formação de professores tem muitas deficiências. É um país em que está tudo por fazer e onde já se adquiriu a consciência disso. As elites brasileiras, o Governo, a sociedade brasileira... todos já tomaram consciência de que há muito a fazer neste campo. É uma fase fantástica do país para juntar essas duas dinâmicas e fazer qualquer coisa de útil e de interessante.

**E como tem sido esta temporada? O que sente que está a dar, mas também a receber em troca?**

Do ponto de vista pessoal, tem sido fantástico. Há uma coisa que me custa muitíssimo, em Portugal. Não são as dificuldades - essas não me assustam. Eu próprio, a título pessoal, vivo com pouco, e as dificuldades institucionais nunca me fizeram desistir. Mas há uma coisa que me preocupa imenso e que me desgasta muito: o estado do debate. Hoje, quase não consigo ler jornais portugueses. Não consigo, não consigo. Custa-me muito. Cria-me uma espécie de uma angústia. Não há debate de ideias.

**E o trabalho no Brasil ajuda-o a abstrair-se disso?**

Sim, e acho que estou a conseguir ajudar, dentro da Universidade de Brasília. O trabalho que estou a fazer é ajudar o novo reitor a pensar o futuro da Universidade: como é que se podem reorganizar os cursos? Como é que se podem reorganizar os departamentos? Qual o futuro da universidade? A sua internacionalização? Está a ser

uma reflexão muito interessante. Do lado da UNESCO, tenho estado a fazer propostas na área da formação inicial e contínua de professores. Leituras, reflexões com grupos, palestras que, no fundo, são momentos de sistematização, para ouvir as pessoas, perceber os problemas. Há toda uma interação e todo um debate. Está a ser fabuloso. Fabuloso.

**Está-lhes nos genes uma energia de mudança que nós não temos?**

Energia de mudança, não sei. Acho que no Brasil também há muitas coisas acomodadas... Agora, que há uma energia naquele país, há. E as pessoas acreditam. É um país de enormes desigualdades. Os professores universitários, no Brasil, em valores absolutos, ganham o dobro do que nós ganhamos. Mas, ao nível do ensino básico, é uma miséria. Ganham dez vezes menos do que nós. Mas são pessoas que têm uma enorme vontade de saber, de participar. Há ali uma energia especial.

**Disse que ali se vivia, ali se respirava. E aqui...**

É. Há uma respiração. Aqui, o ambiente está muito tóxico. Faltam ideias, faltam projetos. E isso é verdade tanto para o Governo como para a oposição.

**Falta-nos uma ideia de futuro?**

Sim. Não sabemos que país queremos, não sabemos para onde queremos ir, não sabemos se queremos estar na Europa, ou se queremos estar no Atlântico, ou se queremos estar

noutro lado qualquer. Está a haver uma grande falta de ideias e essa é a nossa maior crise, neste momento. É uma crise da minha geração. Eu tinha 19 anos no 25 de abril. Acho que nestes 40 anos se construíram muitas coisas importantes, mas houve muitas outras que nós não conseguimos. A nossa geração entrou na Europa sem refletir muito nisso. E agora, de repente, a Europa não é bem aquilo que esperávamos que fosse. Estamos com um problema de identidade forte, que haveremos de resolver, mas não vai ser fácil.

#### **Qual é o papel desta crise na educação?**

Esta crise é um instrumento de dominação, em geral. Todos estamos confrontados com a ideia de que não temos poder de decisão. Inventou-se um mundo, de um capitalismo financeiro extremo, totalmente desregulado, que tem um poder desmesurado. Na verdade, não é em São Bento, nem em Belém, que está o poder. O poder está noutro lado qualquer. E este sentimento, que mistura impotência e inevitabilidade foi excessivamente acentuado por muita gente, em particular, pelo atual Governo. A crise transforma-se, então, num instrumento de dominação, no sentido em que não há alternativa.

#### **E o pensamento próprio é anulado?**

O pensamento dissonante é anulado, sim. Quem propõe outros caminhos é um idiota, ou um utópico, ou um

lírico, ou um romântico, ou outra coisa qualquer. Esta é uma notícia terrível para a liberdade. Bem sei que tinha 19 anos no 25 de abril e que tudo era muito diferente. Mas lembro-me de termos sempre a sensação de que estávamos a decidir o futuro. Havia aqui muito de ilusão. Mas, apesar de tudo, havia essa convicção de que somos nós que estamos a fazer e a decidir as coisas. Isso perdeu-se completamente. Passámos de um extremo ao outro, como se, façamos o que fizermos, nada muda.

#### **É uma realidade sem decisão própria?**

Como se tudo estivesse decidido por alguém. Este é um problema mais vasto que a realidade portuguesa, e que temos de atacar seriamente, no mundo inteiro. Se não conseguirmos mudar essa equação nos próximos anos, as crises vão ser sérias. Sérias e violentas.

#### **Considera que, atualmente, há uma guerra específica contra as artes, humanidades e ciências sociais. Pensa que é um sintoma ou uma consequência de um país em crise?**

Acho que é uma consequência dos muitos interesses que se instalaram nas universidades e na ciência. A ciência e as universidades foram sendo progressivamente invadidas, nas últimas décadas, por interesses económicos, empresariais e de grandes grupos, que acham que tudo



o que não se faz ao serviço da sua lógica é inútil e disparatado. As humanidades, as artes, as questões literárias, as ciências sociais, e as próprias ciências fundamentais – a Física, a Matemática, a Química, etc. – estão a ser colocadas num plano secundário, em todo o lado, e, particularmente, aqui em Portugal.

#### **Cultiva-se, hoje, apenas aquilo que é imediato?**

Sim acredita-se apenas no que tem uma aplicação imediata, ou uma aplicação económica imediata. Vigora a ideia de que as universidades devem funcionar segundo uma lógica empresarial. Eu sou extraordinariamente favorável a que a universidade se vire para fora. Penso que a universidade esteve durante demasiadas décadas virada para dentro, demasiado corporativa. Tem de se abrir, claro, e ganhar uma outra dimensão, garantindo presença na sociedade. Agora, não pode ser uma presença no sentido estritamente económico ou tecnológico. É uma presença social, cultural, absolutamente decisiva na criação de novas maneiras de viver. A aplicação tecnológica imediata também tem lugar, não podemos é reduzir tudo a isso. Essa é uma visão estreita da Universidade, que seria fatal para todos nós.

#### **E pensa que há um dever de resistência perante essa visão mais empobrecida do mundo?**

Temos esse dever. Aliás, dediquei o Prémio UC também à geração de 1862, porque, na verdade, a Universidade, naquela altura, era extraordinariamente conservadora, mas tinha lá dentro forças revolucionárias. E as universidades têm isso. Não são apenas os reitores, os diretores, ou os professores catedráticos; as universidades são também os estudantes, os cientistas, os mais jovens e os menos jovens. E esse dever de resistência, de presença, de participação, é absolutamente central. Não consigo imaginar uma universidade sem isso. Por isso é que resisto tanto à ideia da universidade empresarial e gestionária. Por isso é que tenho chamado tantas vezes a atenção para a hipocrisia de serem feitas leis que tiram os estudantes da participação nos órgãos de governo da universidade, diminuindo a sua presença, para logo a seguir se ouvir, na praça pública, que os estudantes não participam, estão alheados da vida política, etc. A Universidade é um lugar de participação e de liberdade. Se não for isso, não é nada.

**E, nem de propósito, o 25 de Abril vai comemorar os 40 anos. Acha que precisamos de agarrar esse passado para o arremessar para o futuro, como dizia Cesariny?**

Acho que sim. Essa expressão de Cesariny é fantástica, não é?

#### **Acha que estamos a renunciar a uma luta?**

Acho que estamos muito adormecidos. Vejo discursos de inevitabilidade em muita gente. São discursos de resignação. Num inquérito em que foi perguntado aos portugueses se eram a favor ou contra a austeridade, houve uma grande percentagem contra. Depois, perguntava-se se a achavam inevitável ou não. E havia uma grande maioria que achava que era inevitável. Isto é, somos contra, mas achamos que é inevitável. É o caldo pior que existe numa sociedade. É aquilo a que Miguel Torga chamava uma sociedade pacífica de revoltados. Vivemos num mal-estar profundo, que vem da revolta, mas esse mal-estar não se traduz em ação; traduz-se numa espécie de paz podre.

#### **É uma sociedade bomba-relógio...**

...que a qualquer momento pode explodir. A sociedade portuguesa está numa fase muito difícil. Clarice Lispector diz que “cada um de nós tem de ser responsável pela humanidade inteira”. Acho uma frase luminosa. Era o que sentíamos em abril. Que éramos responsáveis por todos. Que o que fizéssemos ali era como...

#### **O efeito borboleta.**

Ia ter consequências noutro lugar qualquer. Essa sensação de termos uma responsabilidade perante nós e perante os outros é muito forte. Sempre senti essa responsabilidade. Quando estava na Universidade, quando estava como reitor... A sensação de que posso não conseguir mudar o mundo, mas tenho a minha quota-parte de responsabilidade. Se não readquirimos essa força, caímos na resignação, na descrença, na desconfiança.

#### **Disse que a grande mudança da sociedade portuguesa se faz mudando as universidades. O que é que falta à universidade para travar uma luta?**

Liberdade. Hesitei entre as palavras autonomia e liberdade. Mas autonomia, às vezes, tem uma coloração corporativa. A situação atual é absolutamente insustentável. A universidade precisa de liberdade a todos os níveis: liberdade em relação ao Governo, liberdade dos professores, liberdade dos cientistas, liberdade pedagógica, liberdade académica, e também, nesta fase da vida de Portugal, liberdade para nos ligarmos à sociedade. Temos de estar muito mais virados para fora, muito mais comprometidos com a sociedade. E hoje temos condições para o fazer. Se parte dos dinheiros dos fundos europeus

fosse gerida pelas universidades, apenas e exclusivamente com o objetivo de criar emprego jovem, faríamos isso mil vezes melhor do que tem sido feito pelos Governos e pelas empresas. As universidades têm hoje uma pulsão interna e uma dinâmica de renovação, mas têm de as deixar fazer. A burocracia está a matar as universidades. A crise pode justificar que não haja dinheiro para dar às universidades, mas não justifica a inexistência de um regime de autonomia. Não há desculpas. Muitas opções têm a ver com a crise, muitas outras são do foro ideológico, de funcionamento da máquina do Estado.

**Quando foi a Coimbra receber o Prémio, Luísa Morgado, que fez a sua apresentação, enumerou três das suas medidas mais destacáveis: a fusão da Universidade Clássica e da Técnica, a criação do Curso de Estudos Gerais e a fundação do Instituto de Educação. Consegue vê-las como revolucionárias?** Bem, as duas últimas são medidas pequenas, não saem daquilo que é habitual as universidades fazerem. A primeira é, de facto, de uma dimensão quase inimaginável. Desde que há universidades em Portugal, nunca duas universidades se tinham juntado. Em 724 anos de História nunca um processo desses tinha acontecido. E toda a gente achava que era impossível ser feito.

**Algumas vozes achavam impossível, outras levantaram-se contra...** Houve algumas vozes contra, mas muito menos do que nós imaginávamos. A maioria das vozes que se manifestaram eram vozes de descrença, não eram vozes de discordância. Houve apenas três pessoas, muito próximas do anterior ministro, José Mariano Gago, que se manifestaram publicamente contra a fusão: Manuel Heitor, João Sentieiro e Luís Magalhães. Os textos que escreveram eram muito frágeis, mas consigo perceber as razões que os levavam a ser contra. Muita gente achava que era impossível. E foi possível. Foi possível com larguíssimo consenso, num processo que foi votado, várias vezes, em todas as Escolas, por toda a gente, em todos os órgãos de governo das duas universidades. Essa foi uma mudança de fundo, que nos próximos anos se vai sentir muito na estrutura universitária portuguesa.

**Este é um modelo que se poderia replicar noutros locais?** Não. Este era o único sítio onde havia duas universidades complementares, com ligações históricas. O modelo não

é replicável noutros lugares, mas a pergunta que nós fizemos tem que ser feita por toda a gente: qual é o projeto de cada instituição? O que é que queremos para daqui a 20 ou 30 anos? O que é que o Coimbra quer? O que é que a Beira Interior quer? O que é que o Porto quer? A pergunta tem de ser feita, mas as respostas são necessariamente diferentes.

**Como é que vê o caso de Coimbra?**

O principal problema de Coimbra, num certo sentido, terá sido a criação da Universidade de Aveiro. Esta assumiu uma série de áreas mais inovadoras, e Coimbra ficou, numa primeira fase, a seguir ao 25 de abril, um pouco mais acantonada. Aliás, essa era a estratégia política do ministro Veiga Simão, ainda antes do 25 de abril: desinvestir nas três universidades clássicas – Lisboa, Porto e Coimbra – e criar universidades novas. Na altura, diziam mesmo que as universidades antigas não se conseguiriam reformar, portanto, era necessário criar universidades novas. O que aconteceu, nas últimas décadas, é que muitas dessas universidades antigas foram capazes de se renovar mais do que as universidades novas. Aveiro teve um longo período de desenvolvimento dinâmico, mas, desde o início do século, sente-se que Coimbra reconquistou energias e dinâmicas, está outra vez com uma grande pujança. O discurso que o reitor João Gabriel Silva fez, no dia um de março, é um discurso muito bom, e que aponta no caminho certo. Coimbra tem, do ponto de vista do prestígio e da reputação, um nome. No Brasil, isso é claríssimo. E isso dá-lhe uma projeção, sobretudo como universidade de Língua Portuguesa, que é muito importante.

**E como vê o sistema binário instalado no Ensino Superior?**

Eu sou contra, mas devo ser quase a única pessoa no país. Digo isto com a humildade de, provavelmente, não ter razão. Sou favorável a um sistema único de ensino superior, com uma enorme diversidade de formações – universitárias, politécnicas, artísticas, etc. As universidades têm de ser diferentes umas das outras, têm que ter projetos próprios. Dentro das universidades pode e deve haver cursos, lógicas e modelos distintos, dando resposta a diversos públicos e necessidades, sem que isso se traduza numa separação rígida, binária, dicotómica, entre universidades e politécnicos.

**Há uma clara descrença em relação à Universidade. Mesmo nos jovens. Acha que é fruto da ação de alguns Governos? Do modelo do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES)?** O RJIES foi um momento muito crítico e grave para as universidades. Foi feito para complicar a vida às universidades. A intenção era clara: a Universidade não interessa, o que interessa é o sistema científico, e será a partir da ciência que se renovará a universidade. Para legitimar esta política era necessário “diminuir” as universidades e “promover” a ciência. Ora, separar estes dois universos é o pior que se pode fazer às universidades e à ciência O desinvestimento nas universidades não é deste Governo, começou em 2006. O prejuízo causado pelos Governos de José Sócrates à reputação das universidades foi muito grave. Os reitores eram corporativos, não faziam nada, as universidades não prestavam para nada, o que prestava era o MIT, e as outras universidades americanas. E isto causou prejuízos dos quais ainda não recuperámos totalmente. Ainda que se perceba hoje, com clareza, que essa política era errada, insustentável. Quem pode dar sustentabilidade à renovação geracional científica são as universidades. Se as corrompermos nos seus alicerces, perdemos essa dinâmica. Parte das perturbações que hoje existem no sistema científico são devidas, a meu ver, a esse errado entendimento do papel das universidades. Felizmente que, apesar de tudo, as universidades portuguesas resistem bem. Pelo menos, as principais: Minho, Aveiro, Lisboa (UL e Nova), Porto e Coimbra.

**Acha que não é preciso criar uma nova rede universitária?** Não, é preciso reorganizá-la. Qualquer uma destas seis universidades tem de definir projetos próprios. E todas as outras universidades portuguesas têm de ser seriamente repensadas. Não conseguimos aguentar a rede de universidades e de politécnicos que temos. E espero que as instituições tenham capacidade para fazer uma reflexão própria, pois, caso contrário, vai o Governo fazer por elas. Compreende-se que um Governo não possa ficar eternamente à espera que as instituições deem passos no sentido da sua reorganização.

**Qual é o maior sintoma de doença que identifica nas universidades? É o excesso burocrático, como estava a dizer há pouco?**

É. Esse é o pior de todos. A vida dos professores e dos investigadores está a ser asfixiada por regulações sem fim, ora burocráticas, ora de produtividade, ora de prestação de contas... Estamos a criar um mundo universitário de professores-burocratas, que é o contrário do que devia ser, um universo de partilha, de criação, de liberdade, de responsabilidade.

**Esteve em muitas universidades lá fora: em Paris, Wisconsin, Oxford, Columbia (Nova Iorque)... Acha que é fundamental olhar para fora para agir cá dentro?** Eu disse sempre que as mudanças que se fizeram aqui, na UL, foram sempre a olhar para fora. Não para fora, no sentido do estrangeiro, mas para fora no sentido da sociedade. O que é que a sociedade precisa de nós? De que tipo de universidade é que a sociedade precisa daqui a 30 anos? De que tipo de universidade é que Lisboa precisa daqui a 20 anos? Foram sempre essas as perguntas que fizemos. Fizemos as perguntas lá fora para depois fazer as mudanças cá dentro. E julgo que é essencial conhecer outras universidades, não para replicar, mas porque temos que ter mundo. O grande problema de Portugal, até à minha geração, é que tínhamos pouco mundo, estávamos muito fechados no país.

**Acha que somos mesmo o país do desperdício de uma geração, como já afirmou?** Somos. Há um duplo desperdício: o de pessoas, que querem ficar cá e só têm oportunidades lá fora; e o desperdício no sentido económico. Este último não me preocupa tanto, mas também me preocupa. Estamos a formar os quadros técnicos da Alemanha, os quadros técnicos dos países do Norte, à custa – como costume dizer, a brincar – do dinheiro do agricultor de Trás-os-Montes ou do pescador dos Açores... Mas o desperdício que me preocupa mais é o primeiro, pois põe em causa qualquer possibilidade de desenvolvimento futuro de Portugal.

**É muito aclamado pelos seus discursos, havendo até quem diga que dava para fazer um programa eleitoral. Numa entrevista ao jornal Expresso, assumiu que, nesta fase do país, não podemos dizer que não. É apontado para cabeça de lista do PS, possível candidato a Belém... Considera-as como hipóteses?**

Já me fizeram essa pergunta muitas vezes. Vou repetir: não tenho nenhum interesse em nenhum cargo político. A minha vida é a academia, a minha vida é a universidade.



Difícilmente poderei ter um ano melhor do que aquele que estou a ter em Brasília. Pela cidade, pelas oportunidades, pelo tipo de trabalho que estou a fazer. Está a ser um ano de uma felicidade imensa. Estou a realizar um trabalho que faz sentido para mim e para os outros. Mas nesta fase difícil de Portugal sinto que tenho uma obrigação, um dever de presença e de participação. Por isso tenho dito que não quero nada, mas que estou disposto a dar tudo, dentro de algum movimento coletivo que crie uma nova visão de futuro, que procure resolver alguns dos problemas que identificámos nesta entrevista.

**Não existe, para si, a credibilidade dos partidos?**

Eu apenas não tenho vida partidária. Acho que os partidos são essenciais, mas não é a minha vida, não foi a minha vida, e não é agora, nesta idade, que vai ser.

**Está disponível para o debate de ideias.**

Estou sempre. Numa base de liberdade e de independência.

**Acha que deve haver uma renovação partidária?**

Acho. Acho que este Governo foi uma tragédia que nos aconteceu. Tenho dito muitas vezes que a clivagem Direita/Esquerda continua a fazer sentido, mas que há momentos em que precisamos de juntar vozes e pessoas que, apesar das suas filiações, pensem a partir do bem público, e não dos interesses privados, promovam lógicas de igualdade e não os interesses económicos de alguns, defendam o trabalho e não o lucro fácil, especulativo... Este Governo pensa que é partir da privatização e dos mercados que pode vir o bem-estar do país. Não lhes atribuo nenhuma teoria conspirativa, mas isto é o contrário da minha matriz. A minha matriz funda-se na *res publica*, na coesão social, na luta contra as desigualdades, no controle da especulação financeira e dos

interesses económicos sem rosto. Estarei presente em todas as iniciativas que possam contribuir para que se escreva uma nova história deste país.

**No seu discurso do dia 10 de Junho, disse que a História ainda não acabou e que precisamos de ideias novas, que nos deem um horizonte de futuro. Que alternativas vê para um novo rumo para Portugal?**

Há alternativas em muitos planos, mas julgo que é preciso, sobretudo, construir movimentos coletivos com sentido de futuro. O que se nota, hoje em dia, é que há um grande pragmatismo de unidade à Direita e uma extraordinária fragmentação à Esquerda. Ora, se essa fragmentação continuar a existir, é evidente que não haverá alternativa. Há duas questões que me parecem decisivas. Em primeiro lugar, o reforço das dimensões públicas, e também do papel dos Estados, conseguir que os Estados providenciem um mínimo de condições a todos. Em segundo lugar, a sustentabilidade do planeta: com os níveis de consumo em que vivemos, o planeta não aguenta até ao final do século. Nos últimos duzentos anos, a humanidade tem pensado a partir do económico, tem-se organizado a partir do económico. Chegou a altura de nos organizarmos a partir de outras dimensões, que não são do domínio do económico, da sociedade do consumo, da ideia de que para a economia crescer tem que haver mais consumo. A ideia do crescimento contínuo e do consumo interminável são utopias negras. Temos de encontrar outras formas, e outros valores, outras formas de viver. Temos de encontrar um denominador comum, que possa unir pessoas e partidos em torno de ideias de futuro. Há toda uma reflexão que a crise escondeu ou passou para plano secundário. Mas é em torno de novas maneiras de ver, pensar e viver que se construirá uma sociedade e um país com futuro.



OS  
MAPAS  
DECIFRADOS  
DO PLANETA  
MATEMÁTICA  
CARLOTA  
SIMÕES

MARTA POIARES



Carlota Simões nasceu na Guarda, a 20 de outubro de 1964, mas viveu os seus primeiros anos de vida numa aldeia próxima da Covilhã, chamada Peso. E como na coincidência não moram acasos, foi também de peso a decisão que cedo lhe marcou a vida. Aos dez anos, Carlota saiu de casa para regressar à sua segunda morada, a Guarda, para começar a estudar.

A matemática tarde lhe chegou às mãos, mas a música depressa assentou nos ouvidos. No discurso do professor de Educação Musical que a acompanhou no ciclo e no contacto com as teclas do órgão que aí morava, encontrou a ligação que lhe percorreria os dias. Aos 12 anos, recomeçou noutra cidade, Covilhã, e dá, então, início à formação musical, com a certeza de que daí não originaria uma profissão de futuro: “Comecei muito tarde. Sabia que não ia ser uma grande pianista”.

O curso geral de piano, que completou já em Coimbra, seria paralelo a outro universo: a Matemática. Porquê? “A verdade é que não sei. Muitos dos meus colegas tinham optado pelos caminhos da Medicina, mas eu não tinha – e não tenho -apetência nenhuma por essa área”. O gosto natural tendia para áreas em que Carlota Simões se sentia autodidata, como a História ou a Literatura. A Matemática, pelo contrário, encarnava um desafio e um impulso: “Foi no momento da inscrição na universidade que escolhi a Matemática. Juro.”

Muito diferente dos números quotidianos, a matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) ajudou-a a pensar de uma maneira estruturada. Quando chegou ao final do terceiro ano, foi contactada para ser monitora, juntamente com outros quatro alunos. Apenas os melhores o conseguiam: “Tinha 20 anos quando dei a minha primeira aula”. A vocação para lecionar era óbvia e garantia retorno por parte dos *alunos-colegas*: “Não tenho (que ter) pudor em dizer. Acho que tenho mesmo jeito. Na altura, ainda mais, porque estava muito próxima daquelas idades. Sabia exatamente como é que aquelas pessoas pensavam”.

Garante que nunca assumiu a missão de desmistificar a matemática, reforçando a sua aplicabilidade nas coisas quotidianas. Esta opção surgiu de forma natural e, até, funcional. Ao encontrar caminhos fraturados entre números e vontades, Carlota Simões começou a

construir pontes entre matemática e áreas do seu interesse, assumindo, nesta investigação, uma espécie de subterfúgio: “Apetecia-me fazer aquilo que deixei por fazer quando escolhi a Matemática, por isso, comecei a perceber e a procurar as ligações. Simplesmente por achar piada. Não é, de todo, uma missão.”

No entanto, foi ainda no primeiro ano de Matemática que Carlota teve o seu momento *eureka*. Cinco números e uma fórmula mostraram-lhe como a Matemática pode, efectivamente, vestir magia e desvendar mapas de muitas outras áreas: “O professor deduziu a fórmula de Euler, que reúne os cinco números mais importantes da Matemática, e que mostra que há, aqui, uma magia qualquer da matemática ou do mundo. É místico. É um momento que fica e a que se volta, constantemente”.

Só nos anos 1990, depois de se tornar doutorada em Matemática Aplicada (Teoria do Controlo) pela Universidade de Twente, e de volta ao lugar de professora universitária, em Coimbra, é que Carlota começa a desbravar terreno e a erguer algumas pontes. A primeira a ser alvo de investigação maior” juntava o melhor dos seus mundos: a Música e a Matemática. Foi ainda no Conservatório que reparou, na cadeira de Composição, que a Matemática está escrita na pauta: “Primeiro, existe um eixo vertical (altura do som) e um eixo horizontal (tempo); segundo, alimenta um raciocínio abrangente e simultâneo que permite, em contexto matemático, achar a solução de um problema, de forma muito mais clara e rápida.”

Outras se seguiram e se mostraram infinitas: a presença da Matemática noutras áreas era inegável. Entre formas, números, padrões, Carlota Simões garante que basta puxar pela cabeça: “Essas ligações já lá estão, eu só as encontro”.

Para além de lecionar na FCTUC, Carlota Simões é ainda Vice-directora do Museu da Ciência da UC. Não acompanhou na sua construção, mas foi peça integrante após a sua inauguração, em 2006. No ano seguinte, depois de Paulo Gama Mota se tornar diretor, Carlota é indicada pelo diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC para integrar a sua direcção, juntamente, também, com Pedro Casaleiro. Neste triângulo científico, Carlota ocupa-se, sobretudo, da programação do anfiteatro, das atividades para





o público e das noites temáticas: “Todos trabalhamos em todas as áreas, mas a minha vertente centra-se mais no serviço educativo”.

No trabalho que desenvolve no Museu da Ciência há, desde o princípio, uma regra: todos os monitores têm de trabalhar todas as áreas. Desta maneira, no confronto de especialidades, dá-se lugar à novidade e a surpresa: “Aparecem ideias muito novas, porque todos têm de programar as atividades em conjunto, e cada um traz aquilo da sua área para a atividade”. No plano e na execução, o segredo é ocupar o lugar de uma criança: “Se um monitor, que é licenciado ou mestre nalguma área, não consegue entender, como é que um miúdo vai entender? É por aí que nascem muitas ideias brilhantes”. O apoio da Universidade de Coimbra (UC) é fundamental, pronto como um primeiro socorro: “Consultamos imensos professores da UC. Principalmente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, mas não só. Da Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Letras... Todos nos ajudam”.

No Museu, acaba por entrecruzar-se com um público (ainda) mais jovem que, garante, não vê na Matemática o reflexo de um bicho papão. Vê, sim, o de uma disciplina que se encontra, ainda, entre a incompreensão e a insegurança incutidas por um passado de analfabetismo: “O problema, em Portugal, não está nas crianças, mas nos pais. Os pais é que tiveram problemas com a matemática e estão a passar isso às gerações seguintes”. A velocidade a que o mundo cresce e a simplificação do quotidiano não ajuda a saltar o obstáculo: “Há uns anos os miúdos iam à mercearia comprar coisas avulso, portanto, tinham de saber fazer contas. Tinham de saber quanto é que era um litro de feijão ou um quilo de açúcar. Neste momento, compramos tudo em pacotes prontos e há uma máquina que faz a conta no final.” O importante, reforça, é enraizar a Matemática nos alunos de amanhã. Por esta razão, muitas vezes, uma história tem de lhe ser associada. Encontrar a Matemática naquilo que nos rodeia pode ajudar a acalmar a complexidade: nas estrelas, nos bordados, nas calçadas portuguesas, mas também em jogos antigos como o xadrez ou o jogo do galo. Mas nem só no que é palpável se encontra a Matemática.

Em 2013, depois do desafio lançado no Congresso Internacional de Matemática, em 2010, Carlota foi convidada para coordenar o Ano da Matemática do Planeta Terra, em Portugal, onde foram desenvolvidas atividades que visaram mostrar como a matemática desempenha um papel central em questões relacionadas com o nosso planeta. “Pode não resolvê-las sozinha, mas pode ajudar a identificar problemas. O maior, neste momento, reside nas alterações climáticas. Houve muitos que acharam que era uma ilusão nossa. Agora, já toda a gente acredita”.

A cronologia pode ter colocado um final no Ano da Matemática do Planeta Terra, mas não nas atividades associadas. A estrutura Matemática no Planeta Terra existe e persiste. Este ano é a calçada portuguesa que está nas mãos da sua investigação. “Calçada Portuguesa” mostra que a *solução*, por vezes, está mesmo debaixo dos nossos pés: “Do ponto de vista da matemática, podemos encontrar, ali, os padrões do plano. Há um número finito de padrões para cobrir um passeio, o chamado friso. Podem ser desenhos muito complicados, mas, em termos de simetria, só há sete maneiras diferentes. E se quisermos decorar uma praça com um padrão que se repete, só há 17 maneiras”. O levantamento das simetrias já foi feito, a propósito do Ano da Cristalografia, e já foram lançado um roteiro das simetrias em Lisboa. O desafio seguinte passa por percorrer outras calçadas (à) portuguesas: “Rio de Janeiro e Macau, pelo menos”.

Entre a música e a matemática, Carlota acabou por nunca se dedicar à que primeiro lhe ficou no corpo, mas não se arrepende. A relação que mantém com esta área é tão intermitente como apaixonante: “Sou capaz de estar meses sem tocar. Não sinto necessidade de fazê-lo todos os dias, mas de vez em quando, apetece-me tocar *aquela* música”. Quanto a ouvir, as notas já são outras – Ravel, Debussy, António Fragoso, Alban Berg ou Schoenberg são companhias de longa e duradoura data.

Já na hipótese de retirar a Matemática do caminho que percorreu até agora, Carlota Simões diz não saber onde se situar. Comunicar é a sua única certeza: “Para mim, há duas coisas essenciais, seja em que área for: passar e receber informação. Por isso, não sei o que seria, mas sei que teria de comunicar”.



# A Biblioteca, a Universidade e o conhecimento

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES \*

1. Em Coimbra, existe uma biblioteca com quase três séculos, que é visitada por mais de 300 mil pessoas em cada ano. A grande maioria são turistas que se sentem tocados pelo aparato visual: os dourados que recobrem as colunas e envolvem o retrato de D. João V, o monarca que autorizou a sua construção, a policromia dos tetos, a concentração de madeira entalhada. Há, depois, visitantes que perguntam pelos livros: querem saber de que matérias tratam, se ainda são lidos, se são todos preciosos. Por último, existe a (considerável) parcela daqueles que se contentam em saber dos morcegos. Se existem realmente, quantos são, se comem apenas as larvas e as borboletas que atacam os livros ou se precisam de vir cá fora para variar a ementa.

Não são muitos os que se dão conta de que se encontram numa biblioteca universitária. E serão decerto poucos os visitantes que se apercebem de que ela é portadora de uma mensagem para a universidade. E, no entanto, aí reside, talvez o principal interesse daquela portentosa *casa falante*.

Basta olhar para os tetos do edifício e reparar nas mensagens que lá foram gravadas. Logo na primeira sala, diz-se que o saber da biblioteca vem dos quatro cantos do mundo. Diz-se depois, na segunda, que a Universidade não passa sem atributos morais: a honra, a virtude, a fama, a fortuna. Finalmente, na terceira sala, o lugar central é ocupado pela enciclopédia e os lugares circundantes

pelos emblemas dos saberes que são professados na universidade (artes, teologia, astronomia, etc.).

O propósito era claro: superar a visão medieval de universidade tomada como mera soma de escolas, de mestres e de estudantes. A forma de superação consiste na existência de um ponto que se situa justamente no centro dos tetos de cada sala, figurado sob a forma de triunfo: biblioteca, universidade, enciclopédia são variações desse mesmo centro subordinante.

Trata-se de uma mensagem que se compreende na época exata em que surge. Vista no seu conjunto, porém, ela constitui a resposta a uma das necessidades mais constantes da universidade de qualquer tempo: a necessidade de um *ethos* agregador e confluyente capaz de construir uma identidade compósita ou hipostasiada.

Não esqueçamos que a identidade foi sempre e continua a ser um problema maior da instituição universitária. No século XVIII, a resposta maior para este problema parecia ser só uma: a biblioteca.

Assim se explicam, desde logo, os fundamentos apresentados pelo Reitor da época a D. João V para justificar a construção de um edifício que deveria servir para dois propósitos distintos: guardar os livros e proclamar a importância e a abrangência da universidade. Já não bastava, portanto, acomodar, em estantes contíguas, os volumes que versavam as diferentes matérias.

Tratava-se de algo mais: de construir um edifício simbólico, onde a universidade se sentisse idealizada e glorificada como instituição global e não como simples justaposição de escolas.

2. Nas suas diferentes tónicas, a reforma pombalina haveria de trazer a Coimbra a valorização dos novos saberes, com destaque para aqueles que detinham uma base experiencial. Construíram-se laboratórios, anfiteatros, jardins e nasceram também as bibliotecas especializadas. Algumas das que foram então criadas chegaram aos nossos dias, notavelmente robustecidas.

Séculos mais tarde, nova mudança profunda chegaria à cidade do Mondego. Refiro-me à reconversão da cidade universitária que data da década de 40 do século XX, que viria a incluir a adaptação do espaço para a nova biblioteca, que se previa pudesse durar 50 anos e acolher mais de meio milhão de monografias. O edifício que resultava da adaptação da velha Faculdade de Letras era praticamente novo e ficou dotado com tudo o que de melhor existia: aquecimento central, sala para mais de 200 leitores, mobiliário especialmente desenhado, espaços nobres como o salão de São Pedro, sala de reservados e um quadro de funcionários que chegou a rondar a centena, entre bibliotecários e *contínuos*, como então se designava o pessoal menos graduado. E tudo isto para servir os 1770 estudantes que na altura se encontravam matriculados na universidade (que, hoje, tem 15 vezes mais).

3. Preservar o notável acervo que continua à sua guarda, disponibilizá-lo aos interessados, presencialmente e à distância, atualizar esse mesmo acervo, atrair estudantes, facilitar a tarefa de quem investiga ao mais alto nível continuam a ser as preocupações mais importantes de quem trabalha na Biblioteca.

A mais nobre de todas as funções é, porém, a menos visível: a de servir como alegoria (cidadela) da própria universidade. Enquanto estrutura complexa, dotada de uma história que pode abranger muitos séculos, como é o caso de Coimbra, a universidade continua a necessitar muito de polos de agregação.

A Biblioteca Geral tem todas as condições para ser um desses polos.

São muitas as individualidades nacionais e estrangeiras que associam a Universidade de Coimbra à sua biblioteca, acentuando justamente a sua vertente patrimonial. Mas não falo só de vínculos afetivos, embora estes não devam ser desprezados. Falo também de vínculos de natureza intelectual e científica. Menciono alguns exemplos. A Biblioteca realiza, por ano, uma média de seis Exposições, algumas delas com Catálogo, versando

temas que vão da Arquitetura, à Botânica, à História, etc. Para mencionar apenas exemplos recentes, invoco uma mostra sobre as relações entre Portugal e a China (que promovemos em colaboração com o Museu da Ciência e o Arquivo da Universidade) à qual se seguiu imediatamente uma outra, sobre Soren Kirkegaard, em colaboração com a Embaixada da Dinamarca e a participação de colegas de Filosofia. Poderia qualquer uma destas duas Exposições ter sido promovida por uma Faculdade ou por um Departamento? Sem dúvida. Mas não teria a mesma amplitude e, sobretudo, não teria a mesma transversalidade. Tendo-se realizado na Biblioteca e com a participação ativa dela, chama-se melhor a atenção para o facto de o encontro entre o Ocidente e o Ocidente não interessar apenas aos historiadores; por outro lado, a evocação do grande filósofo dinamarquês, por ocasião da passagem de 200 anos sobre a sua morte, não deve apenas dizer respeito a um setor do saber. Acolhendo e promovendo manifestações desse género, uma Biblioteca Geral garante a sua extensão a todo o *campus* académico.

Resta-me falar de uma outra função essencial que a biblioteca universitária é chamada a cumprir nos nossos dias. Falo do contacto com o livro, enquanto unidade de pensamento e de discurso. Apesar de hoje o confundirmos com o suporte impresso, o livro conheceu já vários tipos de formato. Aquilo que melhor o caracteriza é justamente o facto de constituir uma unidade concatenada imputável a um autor (mesmo quando este é anónimo). Quer sob a forma de rolo quer sob a forma de códex quer ainda sob o novo formato eletrónico, o oposto do livro continua a ser o fragmento e a informação não autoral.

Embora possa acolher fragmentos (que muitas vezes sobraram de um livro ou não chegaram a transformar-se nele) e também jornais e revistas, mapas, gravuras e fotografias, a biblioteca guarda sobretudo livros.

Todos sabemos que o nosso tempo favorece o fragmento, seja em forma de capítulo, seja em forma de parágrafo por vezes já não imputável a nenhum autor. Esta mentalidade, que antes apenas prevalecia no Ensino Secundário, tem vindo a ganhar espaço nas universidades. Mesmo em áreas onde se poderia esperar que a sua implantação pudesse ser mais difícil (penso sobretudo nas Ciências Sociais e nas Humanidades) existem sinais abundantes dessa tendência. O estudante trabalha à base do ecrã, aciona motores de busca e cria a ilusão de que os dados que recolhe equivalem a conhecimento caucionado. Alguns professores não desistiram de verberar estes procedimentos, mas, muitas vezes de forma inconsciente, outros vão fazendo concessões que crescem de ano para ano. Basta olhar para a contração das



listagens de bibliografia da maior parte das cadeiras. Falo agora apenas das cadeiras de Letras, evocando o meu tempo de aluno, quando os programas eram acompanhados de longas listagens de estudos (na sua maioria, constituídas por livros) quase nunca hierarquizada; evoco ainda o meu tempo de assistente, onde me competia guiar os alunos por entre o emaranhado da bibliografia que o Professor elaborava, permitindo a quem se contentava com a mediania, dispensar a leitura de metade dos livros. Mas ainda sobrava uma quantiosa metade e as instruções de então iam no sentido de criar naqueles que não lessem tudo o remorso que os deveria a levar a ler mais tarde.

Hoje, todos o sabemos, está longe de ser assim. As bibliografias que figuram nas plataformas são reduzidas e, algumas vezes, não chegam a ser significativamente ampliadas no decurso das aulas. Algumas vezes, o professor chega a resumir a bibliografia aos seus alunos, como única forma de lhes transmitir notícia da sua existência. De condescendência em condescendência, cortou-se a possibilidade de o aluno dialogar diretamente com outros Mestres, grandes investigadores e ensaístas que escreveram livros inteiros e construíram conhecimento em primeira mão. Ainda há alunos que não prescindem desse diálogo, é certo. Mas são poucos.

Ora, justamente a promoção do contacto com o livro equiva­le a enveredar por uma ética de exigência que contraria este modelo de ensino. Levar o aluno a construir o seu próprio conhecimento é torná-lo capaz de reconstruí-lo em cada momento da sua vida. Esse desiderato alcança-se com uma inflexão da atitude dos docentes e consegue-se com bibliotecas apetrechadas e funcionais.

As bibliotecas hão de parecer lugares estranhos a muita gente. Impõem a observância do silêncio e, de alguma forma, requerem a suspensão do tempo. Um livro ensaístico de 200 páginas pode demorar cinco horas a ler. Exige continuidade na leitura e, para mais, está longe de conter a verdade toda. A seguir a esse será preciso ler outros. E bem sabemos que não é comum que existam cinco horas de concentração consecutiva ou pouco intercalada na vida de um leitor jovem.

Mas a mudança maior que afasta os jovens estudantes do contacto com os livros (sobretudo com os livros grandes e difíceis) reside num outro aspeto menos falado: é que se deixou de insistir na recompensa que pode obter-se com uma tarefa desse tipo. Tratando-se de uma atividade que colide com as tendências naturais (embora reunindo muitos méritos, o livro é uma invenção humana e não representa uma dádiva divina) e com os ritmos instalados na vida dos nossos dias, a leitura de investigação só vale a pena se houver um fim superior que a justifique.

Para uma certa geração, esse fim sempre existiu e sempre

se bastou a si próprio. Mas hoje não é assim. Por isso se revela importante não desistir da catequese que faz do livro um meio insubstituível para se alcançar a recompensa do conhecimento. Do conhecimento precário, é certo. Aquele conhecimento que se reúne numa tese, num ensaio ou num romance que há de ser superado por outras teses, outros ensaios e outros romances.

Regresso, enfim, à Joanina. Apenas para chamar a atenção para um microespaço que lá existe e no qual poucos reparam. Refiro-me aos gabinetes de dois metros quadrados que se situam à esquerda de quem entra. São pequenos demais para os nossos hábitos mas têm muitas vantagens: têm vista para o arvoredo e para o rio Mondego, estão equipados com o tampo inclinado de uma mesa e há estantes à altura da cabeça e ao alcance da mão. A exiguidade do espaço impõe-nos a concentração no livro que se está a ler. A vista permite-nos pequenos intervalos de espírito, o fluir das águas garante-nos que há movimentos que vêm de longe e que o tempo continua a correr independentemente da nossa vida interior.

Há estantes, mas são pequenas. Ouço dizer que originalmente tinham ainda menor dimensão. São os gabinetes que eram utilizados pelos investigadores. Pela sua pequenez e pelo ambiente de clausura que evocam são os continuadores dos antigos *scriptoria*.

Sempre que entro na Biblioteca Joanina, detenho-me naquele espaço. Para mim, ele representa a utopia da investigação operosa e feliz. Ponho-me a pensar em todas as utopias que os homens construíram, grande parte delas plasmadas na literatura e noutras artes (ilhas afortunadas, cidades ideais, fontes de eterna juventude) e dou-me conta de que aquela utopia concreta não tem sido suficientemente destacada. A utopia que consiste justamente na possibilidade de alguém poder fechar-se num gabinete com os livros de que precisa (nem livros a mais nem livros a menos). Pode então dedicar-se a escrever outros livros, dando continuidade ao interminável diálogo humano, enquanto o rio corre, ao alcance da vista, interiorizando esta verdade suprema: a de que, tal como o curso das águas, também a nossa vida, envolvendo dúvidas, sonhos e anseios, teve precedentes e corre para uma foz onde tudo se renova ou se dissolve.

À luz destes pensamentos, a universidade ganha sentido como lugar de trabalho honesto e de descoberta. E ainda não existe melhor alegoria para ela do que uma biblioteca rica, calma, confortável e, se possível, com vista para um rio.

\* Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

# o dronedário

RUI PEDRO ANTUNES \*

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

O Rob, o primeiro dronedário, em 2011.

Rob esfregou as mãos porfiosamente com formalina, enquanto cantava os parabéns para dentro, numa melodia silenciosa que só parou no mindinho. O desinfetante tinha a virtude de lavar os resquícios de sangue imaginário, mas os dedos tresandavam a um fogo-fátuo que lhe crestava a consciência até ao deitar. Era um homem alto e corpulento, com olhos esbugalhados de mocho, dois molares a menos, uma testa grande com cortes horizontais talhados pela idade, mas umas mãos de menina, fruto das idas forçadas à manicura.

A sua rede de amigos era como ovos numa caixa: eram só meia dúzia e frágeis. A mulher e a filha nem faziam ideia de que Rob era um sicário da pior espécie; verdugo covarde; sniper de alcance meridiano. Nos dias de maior cansaço, o espelho parecia gritar em surdina com Rob: “Assassino em série!”. Os outros não o viam como o homúnclo que julgava e sabia ser, mas como um respeitado guarda-noturno, valente archeiro que guardava as Físicas e as Químicas na Alta Universitária.

Naquela noite a matança obrigou Rob a colocar três fotos de má definição na cortiça. Os frames a preto-e-branco, aumentados até se assemelharem a obras cubistas, não deixavam ver as feições dos rostos, embora os olhos tivessem sempre uma definição imaculada. Era por aqueles olhares de surpresa e de presa, que Rob lhes dava os nomes imaginários: à mulher chamou de Laila, aos dois homens Samir e Kalil. Naquela noite matou trinta, mas só quando cravou aqueles três pioneses é que os olhos se lhe humedeceram. Era estranho batizar alguém depois da morte, mas fazia parte dos regulamentos.

Rob começava o expediente sempre à mesma hora: sessenta minutos depois das doze badaladas da Cabra. Uma da manhã em Coimbra; seis da manhã em Beirute; sete em Damasco. O ritual era sempre o mesmo. Saía de casa e fumava uma cigarrilha, cuja beata atirava para o chão ainda antes de chegar ao Jardim da Sereia. Bebia uma cerveja num café da Praça e pensava como era bom comer tremoços antes de matar alguém. Era ali que fazia voos rasantes ao passado, com a mira apontada à consciência.

Desde pequeno que sonhava com pássaros de ferro. Queria ser piloto e nas brincadeiras de criança raramente os seus braços descansavam, abanando num tê imperfeito ao mesmo tempo que os lábios trepidavam com vruns, vruns. Um dia, já adolescente e traçado, meio sóbrio/meio bêbedo, tropeçou, caindo de boca nas escadas Monumentais. Um baque que lhe cambou a vida. Tornou-o assassino. Foram apenas dois dentes, mas o suficiente para anos mais tarde ser-lhe vedado o acesso aos F-16 e a tudo o que de bom tinham os esquadrões da Força Aérea.

Era o melhor dos melhores. Apesar dos olhos de mocho, tinha vista de falcão e uma precisão a disparar que o tornava num militar de elite. Rasgar os céus é que não era opção e tudo por culpa daquela queda. Nos simuladores, em terra, não havia rival que lhe chegasse aos calcanhares, mas entediava-o passar o dia a tratar da burocracia, enquanto outros davam vida a pássaros blindados, em guerras ou acrobacias de cerimónias presidenciais. Sentia-se um diabético numa loja de doces. Todos os dias limpava aviões, consertava aviões, rebocava aviões, mas não podia dar-lhes vida.

Numa prova internacional expôs todos os seus méritos de atirador e acabou por ser contratado por um exército estrangeiro ou, como gostava de pensar, por terroristas bons. A ascendência americana, a destreza das suas mãos e a frustração de não voar eram o currículo que tio Sam procurava. Após umas formações no Pentágono, estava talhado mais um mercenário: um predador dos céus, com os pés assentes na Terra.

<sup>[1]</sup> Rui Pedro Antunes

<sup>[2]</sup> Rui Pedro Antunes

A queda precipitou-lhe o caminho. Agora estava enfiado num buraco, escavado bem fundo na superfície cartesiana da sua mente, mas também no sentido literal. Rob passava sete horas por dia num antigo bunker, mesmo por baixo do Departamento de Física da Universidade de Coimbra – já sem o luxo dos anos quarenta, quando a decoração se assemelhava à dos escritórios nova-iorquinos da Madison Avenue – mas equipado com tecnologia de ponta. Nas plantas oficiais da universidade, aquele espaço era absolutamente invisível. Só foram desenhadas duas plantas arquitetónicas em que o bunker tinha direito a traços conspícuos: uma foi queimada no dia 25 de abril de 1974 numa lareira da rua António Maria Cardoso; outra escondida numa das páginas de uma edição d’Os Lusíadas na Biblioteca Geral, extraviada pelo tempo. O bunker fora projetado pelo arquiteto Alberto Pessoa, a mando do diretor da PVDE, Agostinho Lourenço, e do seu braço-direito, o capitão Catela. Só estes dois, um empreiteiro e dois serventes – aniquilados mal a obra terminou – sabiam da sua existência.

O espaço fazia parte de um plano de evacuação do presidente do Conselho. Em caso de ataque de inimigos internacionais a Coimbra, cidade de um vermelho debotado, mas ainda assim vermelho, era um dos lugares mais seguros do país para esconder o Governo. A partir da crise académica de 1969 o vermelho ficou vivo de mais, o plano de resgate mudou de sítio e a entrada secreta daquele sochão, recortada numa despensa esconsa de uma cave das Físicas, foi emparedada. Caiu no esquecimento. O esconderijo nunca deixou de ser secreto, apesar de alguns rumores que só serviram para ir alimentando o imaginário académico nas décadas seguintes. Inventou-se histórias sobre um acelerador de partículas. Outras sobre um reator nuclear, às quais nunca foi dada credibilidade. Tudo junto contribuiu para que ainda hoje ninguém saiba o que ali se esconde: um bunker.

Rob só ali trabalhava porque, ao contrário do exército português, a armada norte-americana conhecia o espaço secreto. Informações cedidas pelo embaixador norte-americano Frank Carlucci no final dos anos setenta, fizeram com que os serviços de inteligência sinalizassem o espaço, passando a integrar o atlas secreto, a cartografia fantasma, da grande CIA. No final dos anos 00’, o espaço foi ocupado pelos serviços secretos americanos, sem que ninguém soubesse. E tudo porque Coimbra encaixava nas características necessárias a uma micro-base secreta. Ficava a precisamente quatro mil quilómetros de Beirute e outros tantos de Damasco. Para ser preciso, como as mãos de Rob, a 3920,17 km de Beirute e a 4004,42 km de Damasco. Era também num país da NATO, segundo requisito, e num sítio improvável, jogando com a mesma lógica de antanho, dos agentes da polícia política. Após cinco anos de missões ardilosas e ultra-secretas, o espaço ficou preparado para receber uma base de controlo de drones à distância. A partir de Coimbra, Rob controlava dois MQ-1 Predators que sobrevoavam a Síria e um MQ-9 Reaper que rondava os céus do Líbano. A capa de guarda-noturno da universidade dava a Rob a máscara de que necessitava para gerir as suas missões na Arábia.

As informações encriptadas que recebia, não deixavam de o fazer sentir como uma entidade divina, pois a última decisão sobre quem devia viver, ou morrer, era sua, com base naquilo que julgava ser o momento oportuno ou a boa visibilidade. Da sede dos terroristas bons, como lhes chamava desde a última Administração republicana, apenas lhe chegavam os dados sobre os níveis de prioridade dos alvos. Mais do que se eram do Hezbollah ou da Al-Qaeda, a Rob era dito a escala de prioridade, que apenas se tornava relevante pelo nível de cuidado a ter com os civis. Inocentes. Na última noite, Laila, Samir e Kalil, por si batizados, fizeram aquele olhar profundo. Em Coimbra eram três horas e vinte seis minutos a.m., e um grupo de homens-pinguins cambaleava lançando grunhidos bezanos, em gritos que não se ouviam no bunker que jazia a três-vezes-sete-palmos-de-terra dos paralelos da Rua Larga. Houve milésimas de segundo em que Rob pensou não dar ouvidos aos terroristas bons, despir a pele de mercenário e não carregar no botão. Mas estava treinado para o contrário. Estava limado para conseguir matar mais de trinta pessoas depois de dar um beijo à mulher e à filha, depois de comer tremoços. Não se sentia um piloto, embora telecomandasse drones, vants em português. Tentava pensar para si mesmo qual seria o nome da sua profissão: Vanteiro? Dronedário? A última parecia-lhe mais adequada, pela travessia no deserto imoral em que se sentia perdido constantemente.

Rob sofria. Sempre o magoou o olhar dos inocentes que matava. Era um misto de curiosidade e de susto. Pela formação que tinha tido, sabia que não havia um barulho especial nos drones que captasse a atenção dos alvos, mas era raro haver um inocente a quem não via o olhar na sua plenitude. Os vant (veículos aéreos não tripulados), tão diabólicos que não merecem maiúsculas, estão preparados para serem discretos, mas há relatos de que se ouve sempre um assobio antes de ser disparado um míssil. Há quem diga que os inocentes, como Laila, Samir e Kalil, ao contrário dos jihadistas, olham sempre os drones de frente ao ouvirem esse silvo tenebroso. É uma espécie de canto da morte;

é a forma como o som do gatilho, disparado de Coimbra, chega ao Oriente Médio. É a última coisa que ouvem, assim como Rob é o último a ver os olhares que fitam o corpo estranho no céu. Que não fazem ideia, que aquele é o som do tiro sem misericórdia, na digestão de um prato de tremoços. Os vants não têm homens, mas não funcionam sem eles. Rob soube naquele momento que ia matar três civis, mas convenceu-se de que estava a contribuir para uma sociedade ocidental menos periclitante.

Tomava comprimidos para se concentrar, que lhe davam uma adrenalina mortal e o tornavam destemido e insensível, daí só chorar ao furo do pionés, quando colocava as fotos dos inocentes na cortiça. Só nessa altura pensava como era injusto ser morto por alguém que está a cinco horas de distância de rotação da terra. Rob não fazia ideia de quais tinham sido os últimos pensamentos daqueles três, mas desconfiava que tinham ouvido o assobio.

Laila; de treze anos, de rosto destapado e pixelizado, ouviu um som estranho e olhou para o céu. À primeira vista, julgou ter visto um corvo grande. O tempo não lhe deixou ter uma segunda vista. Com a explosão, antes de se calar à força, limitou-se a soltar um desejo: “Que Alá me proteja”.

Samir; seguia numa bicicleta com o irmão mais novo.

Kalil; ia sentado à meia-esquadria, com o ombro direito em descanso sobre as costas do irmão. Os dois ouviram o sopro da morte ao mesmo tempo. Já tinham visto daqueles aviões a cirandar pelos campos de trigo. Sabiam o que era. E que raramente disparavam, por isso Samir parou de pedalar, estancando como mirone, forçando o irmão a fazer o mesmo [Neste momento, Rob, gritou usando a força que os pulmões podem dar. “Sai daí, estúpido. Sai daí!”, mas sabia que jamais alguém o poderia ouvir]. Só com a saída do míssil, tentaram voltar a pegar na bicicleta. Ainda Samir tinha as mãos no guiador quando soube que tinha que dizer, em coro com o irmão: “Que Alá me proteja”.

Rob não fazia ideia do que seriam as últimas palavras nem os últimos pensamentos das suas vítimas, mas apenas que, infelizmente, as suas mãos nunca falhavam. Estacionados os avants nas bases, estava na hora da clorexidina, de lavar as mãos de fada. Dos parabéns. Era irónico cantar o Happy Birthday, uma música de celebração de mais um ano de vida, quando o momento era de morte. Mas eram os regulamentos. Em dias de matança, podia sair assim que os drones estivessem recolhidos. Fez a última ronda fictícia ainda antes das cinco da manhã, dez em Beirute. Passou a pente fino as redondezas, vagueou pela Rua Larga, Praça D.Dinis, pelo Arco da Traição, rua de S.Pedro e voltou a recolher nas Físicas. A noite parecia-lhe diferente, não sabia em quê, mas certamente para pior. Conseguia voltar para casa ainda de noite, o que era raro. Na rua, não se via ninguém. Rob seguia numa passada certa a dois metros das Monumentais quando ouviu um assobio, vindo do lado da estátua do D.Dinis. Ignorou, era o sono e o remorso a meterem-se com ele, como em tantas outras noites. Mas o som insistiu. Olhou novamente para trás e viu surgir nos céus um objeto arcaico, com uma grande foice e um grande martelo estilizados. Pelo cansaço, não lhe ocorreu logo o que era, apesar de ter visto centenas de aparelhos iguais nas formações em Washington. Ainda teve tempo de ler o que estava inscrito numa das asas: A-vant. Não se protegeu. Sabia que não valia a pena tentar fugir, o assobio estava dado e o seu caminho traçado. Os seus olhos de mocho fitaram a câmara, ao mesmo tempo que lhe ocorreu dizer, mesmo sem ser religioso, com uma calma inquietante: “Que Deus me proteja”.

\* Rui Pedro Antunes licenciou-se em Jornalismo, na Universidade de Coimbra, cidade onde primeiro se aproximou do mundo das redações, tendo sido editor de Internacional e chefe de redação do “Jornal Universitário de Coimbra - A Cabra”, bem como repórter da Rádio Universidade de Coimbra. É jornalista do Diário de Notícias (DN) desde setembro de 2008. Começou como jornalista da secção de Política, mas dois anos depois integrou a equipa fundadora da secção de Grande Investigação do DN, onde ainda permanece. É co-autor de livros como “O Estado do Parlamento”, “O Estado da Saúde”, “O Poder da Maçonaria Portuguesa”, “O Escândalo do BPN” e “O Estado a que o Estado Chegou”. “Orfanato dos Contos Vadios” (2014) é a sua primeira experiência no mundo da ficção.





OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

ESTUDOS SOBRE  
A GRÉCIA ANTIGA

ARTIGOS

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

TRADUÇÕES  
DO GREGO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

ARTE  
ANTIGA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

ESTUDOS SOBRE  
ROMA ANTIGA  
A EUROPA  
E O LEGADO  
CLÁSSICO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

LATIM  
MIEVEAL

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

LATIM MIEVEAL  
E RENASCENTISTA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

RECEPÇÃO  
DAS FONTES  
CLÁSSICAS  
EM PORTUGAL

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

CAMONIANA  
VARIA E  
LITERATURA  
PORTUGUESA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA DE  
MÁRIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

RECENSÕES  
CRÍTICAS,  
NOTÍCIAS E  
COMENTÁRIOS

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Numa altura em que o país tem ainda bem fresca na memória a recente e tão honrosa classificação, pela UNESCO, da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade, importa ainda assim recordar que essa atribuição não ficou a dever-se apenas ao património arquitetónico preservado, reconhecidamente de enorme valor, mas também ao papel central que a Universidade teve, ao longo de séculos, na projeção da cultura e língua portuguesas, contribuindo assim para que Portugal se afirmasse como agente particularmente ativo na formação da história da humanidade. Este tipo de património imaterial acaba, de resto, por ser ainda

mais valioso, na medida em que não se confina a um espaço geográfico determinado, mas antes leva as suas marcas a todo o universo onde a lusofonia mantém presença perene e atuante.

Numa instituição académica, esse património imaterial vai sendo construído, ao longo de séculos, pelo contributo continuado — e tantas vezes discreto ou mesmo esquecido — de toda a estrutura universitária, sendo que parte essencial do processo decorre da qualidade da pesquisa desenvolvida e da formação facultada nesse mesmo espaço de estudo e de reflexão. Os trabalhos produzidos por Maria Helena da Rocha Pereira, enquanto investigadora

e docente, representam, precisamente, um desses paradigmas notáveis de qualidade e dedicação incondicional à ciência e à cultura — capazes por isso mesmo de construir a grandeza de uma instituição de referência dentro dos meios académicos mais exigentes.

Que a Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) tenha a oportunidade de publicar a obra da Prof. Doutora M. H. da Rocha Pereira é seguramente um dos momentos marcantes de uma casa editorial que celebra agora os 240 anos de existência. Que o possa fazer ao abrigo de uma parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, trata-se por certo de uma circunstância altamente simbólica e feliz, dado que a autora dedicou

dezenas de anos do seu incessante labor à colaboração com estas instituições.

Que o lançamento desta iniciativa ocorra quando é Diretor da IUC um dos inúmeros discípulos da autora será, sem dúvida, um mero acaso sem grande importância, mas que marcará, de forma indelével, quem já tanto beneficiou, a nível pessoal, do saber e orientação de um Mestre verdadeiramente especial. Possam agora muitos mais leitores continuar a usufruir, igualmente, de uma obra magna e sempre atual.

Delfim Leão  
Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra

**Título:** *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*  
**Autor:** Joaquim J. S. Pinheiro  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Humanitas Supplementum*  
Coimbra 2013

**Título:** *Iseu: Discursos VI. A Herança de Filotémon*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** J. A. Segurado e Campos  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Aesopica: A Fábula Esópica e a tradição Fabular Grega*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Nelson Henrique Ferreira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Hiérocles e Filágrio: Philogelos (O Gracejador)*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Reina Marisol Pereira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Aires Barbosa e a Cosmópolis Renascentista*  
**Coordenadores:** Italo Pantani, Margarida Miranda e Henrique Manso  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Humanitas Supplementum*  
Coimbra 2013

**Título:** *Luciano de Samósata: Luciano [IV]*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Custódio Magueijo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Luciano de Samósata: Luciano [V]*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Custódio Magueijo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Luciano de Samósata: Luciano [VI]*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Custódio Magueijo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Luciano de Samósata: Luciano [VII]*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Custódio Magueijo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Luciano de Samósata: Luciano [VIII]*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Custódio Magueijo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Luciano de Samósata: Luciano [IX]*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Custódio Magueijo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2013

**Título:** *Plotino, Escultor de mitos*  
**Autora:** Loraine Oliveira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Annablume*  
Coimbra 2014

**Título:** *Mnemosyne kai Sophia*  
**Coordenadores:** José Augusto Ramos e Nuno Simões Rodrigues  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Humanitas Supplementum*  
Coimbra 2014

**Título:** *Manual Técnico do Nadador-Salvador*  
**Autoria:** Núcleo de Formação de Socorro a Náufragos  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *O conceito da compreensão na Sociologia de Max Weber*  
**Autor:** Hans-Richard Jahnke  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira. Vol. 6. Latim Medieval*  
**Autora:** Maria Helena da Rocha Pereira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra / Fundação Calouste Gulbenkian  
Coimbra 2014

**Título:** *Biofísica Médica 3ª edição*  
**Autor:** J. Pedroso de Lima  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Ensino*  
Coimbra 2014

**Título:** *Carlos Ramos - Arquiteturas do século XX em Portugal*  
**Autor:** José Manuel Fernandes  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *A Política Externa Russa no Espaço Euro Atlântico Dinâmicas de cooperação e competição num espaço alargado*

**Autoras:** Patricia Daenhardt e Maria Raquel Freire  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Carlos Ramos - Arquitecturas do século XX em Portugal*  
**Autor:** José Manuel Fernandes  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra e Imprensa Nacional Casa da Moeda  
Coimbra 2014

**Título:** *Odes e Fragmentos*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Carlos Jesus  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2014

**Título:** *Rãs*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Maria de Fátima Silva  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Autores Gregos e Latinos*  
Coimbra 2014

**Título:** *Introdução à Geografia da Saúde Território, Saúde e Bem-estar*  
**Autora:** Paula Santana  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *Cinema. Tempo, memória, análise*  
**Autor:** Jorge Seabra  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Ensino*  
Coimbra 2014

**Título:** *Gestão de projeto e contratação de empreitadas de obras*  
**Autor:** Telmo Dias Pereira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Ensino*  
Coimbra 2014

**Título:** *Integração dos mercados financeiros. Teoria e investigação empírica*  
**Autor:** J. A. Soares da Fonseca  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Ensino*  
Coimbra 2014

**Título:** *João Chagas: a escrita como arma*  
**Autora:** Joaquim Romero Magalhães  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *Marquês de Pombal. 2ª edição.*  
**Coordenadora:** Ana Cristina Araújo  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Dor: se for para mim, não estou*  
**Autora:** Anabela Mota Pinto  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Estado da Arte*  
Coimbra 2014

**Título:** *O sistema da Incompletude. A Doutrina da Ciência de Fichte*  
**Autor:** Diogo Ferrer  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Conselhos de Empresa Europeus: um estudo dos sectores metalúrgico, químico e financeiro em Portugal*  
**Autor:** Hermes Augusto Costa e Paula Reis Costa  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Investigação*  
Coimbra 2014

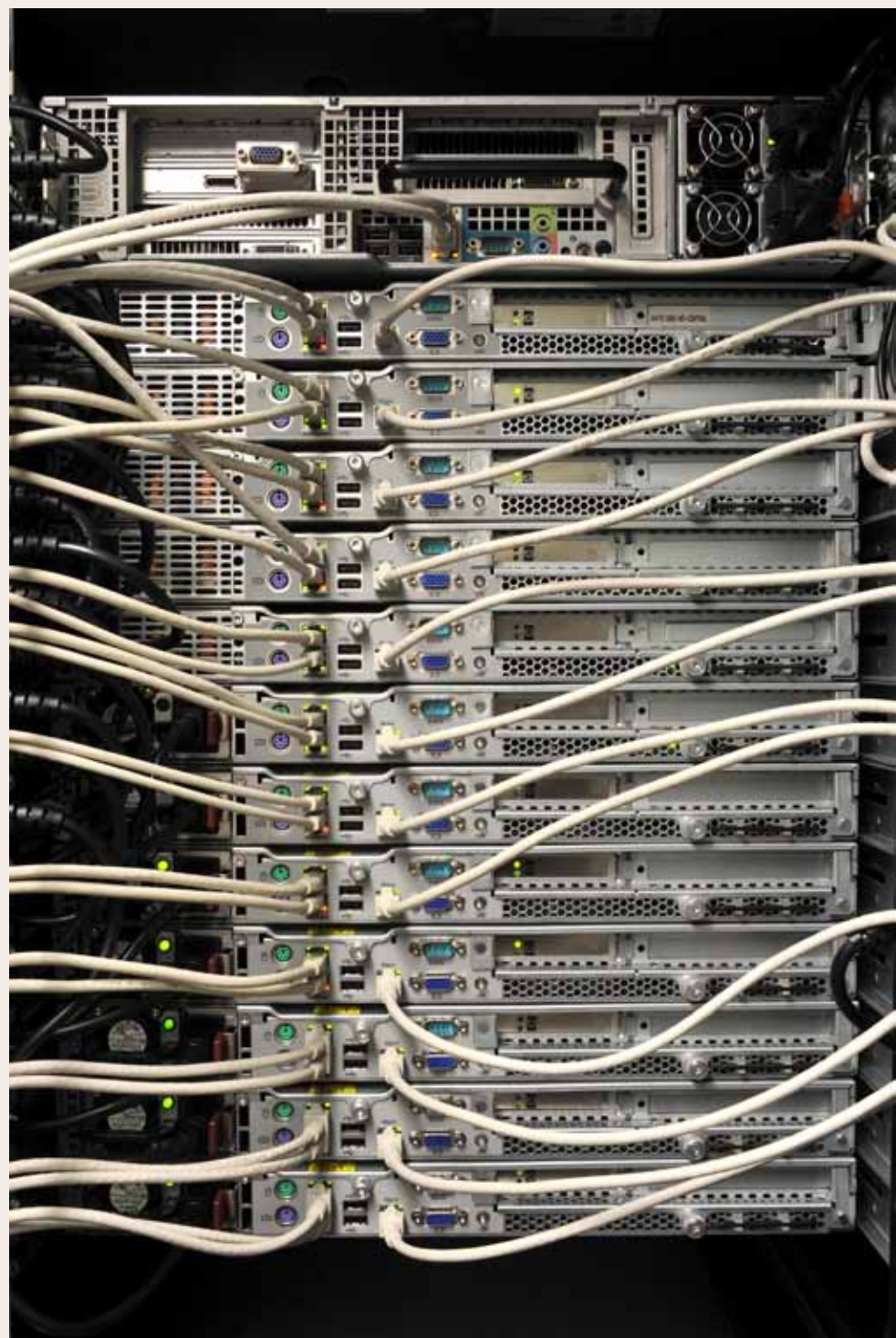
**Título:** *Comentários à Arte Edificatória*  
**Autor:** Mário Kruger  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coleção *Investigação*  
Coimbra 2014

**Título:** *Que Universidade? Interrogações sobre os caminhos da Universidade em Portugal e no Brasil*  
**Autor:** Luís Torgal e Angelo Brigato Ésther  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *As Viríadas. Uma epopeia setecentista inédita*  
**Autor:** Manuel Curado  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra 2014

**Título:** *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas*  
**Estudo, Tradução do grego e notas:** Ana Maria Guedes Ferreira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Humanitas Supplementum*  
Coimbra 2014

**Título:** *Desenho, plasticidade e prática conceptual*  
**Autores:** António Olaio, Pedro Pousada  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra  
Série *Ensino*  
Coimbra 2014



Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial.

Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura.

Assíduas protagonistas da discussão de ideias, as redes sociais têm vindo a acender debates, desde que surgiram pela primeira vez até começarem a integrar, de forma embrionária, discursos de todas as origens. Que redes são estas e que mundos apanham? Aproximam distâncias ou alimentam-nas? Entre *tweets*, *posts*, *instas* e *pins*, deverão os abecedários resistir à mudança ou incorporá-la? Dê-se a palavra a quem resiste e a quem persiste.

# 69

RL #40 | AO LARGO  
APOCALÍPTICOS  
E INTEGRADOS

# A Teia

CRISTINA LAI MEN \*

Ponto prévio: nada tenho contra as redes sociais e as novas tecnologias.

Concluí recentemente um curso *onlinesobre* redes sociais para jornalistas, podem encontrar-me numa rede social - o LinkedIn - e reconheço as vantagens destas ferramentas, sobretudo para quem, como eu, faz do jornalismo o seu modo de vida. Mas não *tweeto*, não faço *likes*, não partilho fotos ou opiniões nas redes sociais – não gosto nem sinto falta. Não porque seja contra redes sociais, mas porque sou a favor da privacidade, de gerir o meu tempo como bem entendo, da amizade que apenas se cultiva com vagar e cuidado, do meu espaço e dos outros. Acima de tudo, sou a favor da liberdade de escolha.

Gosto de escolher os meus amigos, de ganhar tempo a ouvi-los, senti-los e estar com eles apenas quando nos apetece. Não preciso de centenas de supostos amigos ou seguidores, nem de saber quando acordam, o que comem, onde estão, o que fizeram ou com quem foram de férias. Não quero ser inundada com *posts* de quem expõe a sua vida privada. Não me ponho a jeito para ser bombardeada com convites de quem não conheço e sempre fugi a sete pés de tudo o que fosse viral. Dizem os apologistas das redes sociais que tudo depende do uso que fazemos delas e que só abrimos a porta a quem queremos. Não podia estar mais de acordo: precisamente por não gostar da utilização que a maioria das pessoas faz das redes sociais, não quero perder tempo com elas. Prefiro nem deixá-las tocar à campainha.

Num mundo em que tudo é *fast*, gosto de escolher o meu tempo. Gosto da lentidão. Gosto de vozes e silêncios, cheiros e olhares. Gosto de mãos, das caretas, dos gestos, da solidão. Gosto de me perder nas ruas e mapas, de procurar sinónimos no velhinho dicionário da escola primária, de caçar contactos nas listas telefónicas. Será retrógrado na era do digital, do GPS e das redes sociais? Talvez seja,

mas sem abdicar de nenhuma destas ferramentas, recorro a elas apenas quando quero – não porque me apontem o dedo e questionem, em tom acusador: “O que queres fazer da vida sem Facebook?!” A esta crítica, gosto de responder lembrando um episódio em que procurávamos entrevistar um protagonista para a rádio. Não havendo outro contacto disponível, pedi a uma colega que lhe enviasse uma mensagem através do Facebook e quando a entrevista foi emitida, essa colega não escondeu a surpresa:

- Mas ele não me respondeu no Facebook! Como é que o encontraste?

- Simples, fui à lista...

Demora mais, dá mais trabalho, é mais difícil? Claro que sim, mas sempre gostei de desafios e de trabalhar. Aliás, a profissão é o único motivo que me poderia “converter” a uma dessas redes sociais da moda. Quando Cavaco Silva escolhe o Facebook para tomar posição ou Barack Obama agradece a reeleição no Twitter, um jornalista não deveria pensar duas vezes e render-se às redes sociais? Admito que sim, mas é precisamente por pensar duas e três vezes que recuso ser apanhada nessa teia. Ter conta no Facebook ou Twitter abre um mundo de possibilidades, mas isso faria de mim uma melhor jornalista? Com certeza que não.

Quando se anuncia a morte de Pelé ou Mikhail Gorbachov nas redes sociais ou quando o anúncio de um escritório de advogadas se torna viral, cabe ao jornalista confirmar, analisar, cruzar e selecionar os dados. Posso não ser a primeira a avançar com uma notícia, mas não corro atrás do mais rápido. Persigo isso sim, a informação rigorosa, isenta e objetiva. Dir-me-ão que sou conservadora ou apocalíptica, e a isso respondo: Com todo o gosto!

\*Jornalista da TSF.

# Tudo mentira, verdade

FERNANDA CÂNCIO \*

Quando leio ou oiço alguém a verberar as chamadas “redes sociais” com argumentos como “inautenticidade”, “excesso de rapidez”, “ausência de espessura” e coisas do gênero, fico, confesso, sobretudo divertida.

O que é que há de “excesso de rapidez” na comunicação escrita em tempo real que não existe na comunicação oral? Quando falo não estarei, então, a ser “excessivamente rápida”? Há “tempo para pensar” quando se fala? Talvez devêssemos gravar primeiro o que queremos de dizer e passar várias vezes a gravação e emendar o que nos parece precipitado antes de deixar alguém ouvir, não? E se comunicar com pessoas que nunca vimos é perigoso ou desaconselhável, que dizer do telefone? E mesmo da TV, da rádio, ou até das nossas tão queridas e velhinhas cartas – quantas relações epistolares entre pessoas que nunca se tinham visto resultaram em amizades e amores eternos, quantas reunimos em coletâneas como expoentes da arte de comunicar? Porque é que isso é bonito e romântico, e até exemplar, e se for pela *net* é mau e superficial? E os livros, santo deus: a quantidade enorme de gente desconhecida que lê livros escritos por alguém que nunca vão ver em carne e osso, alguém que admira exclusivamente pelo que escreve e a forma como o faz. Ninguém acha isso um despautério? E o anonimato, aí o anonimato e os pseudónimos, que coisa horrível – o pavor de saber que as irmãs Brontë publicaram as suas obras-primas com nome de homem e apelido inventado (Bell), que Miguel Torga não se chamava Miguel Torga, e por aí fora.

Não há, afinal, nenhum argumento contra as ditas formas de comunicação digital que não se apliquem a todas as outras formas de comunicação, por um motivo simples: é só mais uma forma de comunicação, protagonizada por quem comunica – pessoas. Com todas as qualidades e defeitos que a comunicação feita por pessoas, e as pessoas, têm. A grande diferença em relação às ditas “clássicas” – que a seu tempo foram novas, vanguardistas e vilipendiadas – é a da sua democraticidade e globalidade. Democraticidade, porque toda a gente pode falar para toda a gente, e glo-

balidade, porque posso falar com alguém em qualquer sítio, e essa pessoa pode responder-me – se assim entender, claro. Qual a desvantagem disto? Francamente, não consigo encontrar nenhuma.

Para um jornalista, então, esta forma de comunicação – e aqui refiro-me sobretudo ao Twitter – é uma ferramenta inestimável. Havia jornalismo, e bom, e eficaz, antes do Twitter? Claro. Como há jornalismo, e bom, e eficaz, com o Twitter. As notícias que nos chegam pelo Twitter têm de ser confirmadas? Claro. Como as que nos chegam de todas as outras formas. Mas há algo que o Twitter permite que nenhuma outra ferramenta até hoje permitia: chegar, com rapidez, a histórias; chegar, instantaneamente, a pessoas cujo número de telefone ou endereço de email (para não falar da morada) levaríamos uma eternidade a conseguir, se alguma vez. No Twitter pude falar com rebeldes das revoluções egípcia e iraniana; no Twitter posso perguntar, por exemplo, “quem é que tinha um emprego com recibos verdes e perdeu-o e está a tentar receber o subsídio para estas situações” e em poucas horas ter resposta e poder construir uma reportagem a partir daí (ver <http://tinyurl.com/reportagemfernandacancio>).

No Twitter pude, na madrugada do pequeno terramoto de 2009, trocar larachas e informação com milhares de pessoas tão amedrontadas e à nora como eu (<http://jugular.blogs.sapo.pt/1474298.html>) – espécie de cordão humano digital contra o pavor. É “mentira”, dizem os críticos da comunicação digital, escarninhos; “aquelas pessoas não querem saber de ti e tu não queres saber delas.” Têm razão, com certeza. Mas não por ser o Twitter – porque na verdade queremos saber pouco uns dos outros, porque na verdade muito pouca coisa é de verdade. Mas isso não é um problema do Twitter, é mesmo nosso. Engraçado que tentemos tão desesperadamente encontrar bodes expiatórios para a nossa natureza – mas, lá está, é a nossa natureza.

\* Jornalista do Diário de Notícias.



# CELEBRAR 950 ANOS DO TEMPO DE D. SESNANDO

MAIO A DEZEMBRO DE 2014

facebook.com/sesnandodavides  
www.agenda7-coimbra.pt

## Lançamento do Audioguia de Coimbra

Torre de Almedina • 30 de maio • 16h30

O audioguia é uma ferramenta de visita disponível em cinco idiomas que propõe uma visita lúdica aos monumentos da Rede, recorrendo a conteúdos de história, geologia, biologia e do domínio do património imaterial. Estes equipamentos diferenciam-se pela disponibilização de conteúdos interativos, pelo locutor que lhe dá voz em português e pela acessibilidade conquistada (parceria com a ACAPO). Estará disponível para download no website da Rede ou nos postos de turismo, onde os utilizadores poderão usufruir de um equipamento móvel dedicado.

## Apresentação da Imagem das Comemorações

Torre de Almedina • 30 de maio

## “D. Sesnando - o herói improvável”: filme animado

Cineteatro da Lousã

5 de junho • 10h30

Considerando a pertinência em cativar o público infantil e familiar no âmbito da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego, a Agência irá lançar em 2014 um filme animado infantil e de uma publicação infanto-juvenil orientada para as crianças entre os 6 e os 12 anos de idade. Este filme centra-se sobre o personagem de Sesnando Davides, o Governador, e a sua influência na criação da Linha Defensiva do Mondego. O filme apresentará animação de personagens e cenários em animação gráfica 2D.

## Apresentação do Glossário de termos de arquitetura medieval [versão para a infância]

Cineteatro da Lousã

5 de junho • 10h30

O Glossário medieval é uma ferramenta virtual que permitirá compreender melhor o castelo enquanto máquina de guerra. Esta ferramenta, inovadora no domínio nacional, vai permitir ao utilizador, individualmente ou em grupo, ter acesso a conceitos determinantes à compreensão da história e da arquitetura militar dos castelos, não só da Rede mas de todo o país.

## Ceia medieval

Claustros da Sé Velha

6 de junho • 21h • [ 25€ ]

Degustação de acepipes de sabores tradicionais moçárabes e judaicos.

Organização: Câmara Municipal de Coimbra  
inscrições: 239702630

## Feira Medieval sob a égide de D. Sesnando

Largo da Sé Velha • 7 de junho • 10h

## Lançamento do Projeto Escolar “Quem és tu D. Sesnando?”

Auditório da DREC • 8 de julho • 17h

Considerando a pertinência em aportar à comunidade escolar novas de D. Sesnando, será lançado em julho de 2014 um projeto escolar dedicado a diferentes níveis de ensino que irá promover o conhecimento sobre este personagem histórico, sua vida e obra, designadamente o seu contributo para a criação de um território multicultural e da Linha Defensiva do Mondego. Com o apoio institucional da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares da Região Centro, este projeto procurará envolver no ano letivo de 2014/2015 escolas, professores e alunos de todos os municípios da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego. O projeto prevê o desenvolvimento de ações de formação, formal e informal, e dinâmicas de concurso para o primeiro e terceiro ciclo, ensino secundário e superior.

## Apresentação do rito Moçárabe

A sua comparação com o rito romano.

Concerto com repertório moçárabe

Sé Velha • 9 de julho • 18h

O rito moçárabe, cristão mas diferente do latino, desenvolveu-se num clima de mútuo respeito entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica: os árabes respeitavam os sentimentos religiosos cristãos e não hostilizavam as hierarquias da igreja; os cristãos que viviam sob o domínio árabe (moçárabes), quando alcançavam o poder também consentiam que os muçulmanos cultivassem a sua religião. Será interpretado repertório da época pelo *ensemble* “Capella Sanctae Crucis”.

## Ciclo de música sacra intercultural

No âmbito das comemorações dos 950 anos do Governo de D. Sesnando, pretende-se promover um ciclo de música de épocas diferentes, do século XI ao século XVII. Este ciclo será interpretado pelo *ensemble* “Capella Sanctae Crucis” e consistirá em dois concertos-chave: o primeiro, onde será interpretado o repertório moçárabe num evento que confrontará o rito românico com o rito moçárabe, revelando ao público um período histórico onde a multiculturalidade era uma evidência; o segundo traduzirá o diálogo intercultural musical, nomeadamente através da interpretação de vilancicos negros.

Como objetivo principal pretende-se dar a conhecer uma parte do acervo musical dos fundos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e promover a tradição de multiculturalidade entre a comunidade universitária. A interculturalidade está também presente no próprio *ensemble* “Capella Sanctae Crucis” sendo os músicos que se deslocarão a Coimbra provenientes de França, Espanha e Holanda, para além de Portugal.

## • Sé Velha

[repertório moçárabe]

9 de julho • 18h

## • Santa Cruz

[ensaio aberto] \*

22 de outubro \*

\* a confirmar

## • Capela de S. Miguel da UC

[repertório da Igreja de Santa Cruz, séc.

XVI e XVII]

24 de outubro • 18h30

## Espetáculo teatral

“O Alvazil de Coimbra” [2 atos]

Pombal (A) • 6 de setembro

Figueira da Foz (A) • 7 de setembro

Miranda do Corvo (B) • 13 de setembro

Penela (B) • 14 de setembro

Soure (A) • 20 de setembro

Montemor-o-Velho (A) • 21 de setembro

Coimbra (B) • 27 de setembro

Lousã (B) • 4 de outubro

Foi criada uma obra literária original assente no episódio da criação da Linha Defensiva do Mondego e vida e obra de D. Sesnando. Esta obra dramática será agora vertida na criação de oito eventos de carácter multidisciplinar que irão percorrer os concelhos da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego, nos meses de setembro e outubro de 2014. Estes eventos irão ocorrer em espaços não convencionais, junto aos monumentos da Linha Defensiva do Mondego e irão envolver agentes culturais locais. Procura-se um evento capaz de criar memória e afinidades entre as pessoas e o património, onde as comunidades locais venham a participar no processo criativo e que as suas competências sejam valorizadas e acrescentadas.

## Congresso da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego

Teatro-Cine de Pombal

7 e 8 de outubro

O II Congresso da Rede assume-se como momento de reflexão conjunta sobre a temática da identidade histórica e cultural que queremos valorizar no âmbito deste território, considerando a pertinência em encarar o património como forma de criar comunidades mais coesas e, consequentemente, produtos turísticos melhor sucedidos. É também objetivo discutir sobre o futuro das Redes turísticas e culturais, nas suas várias dimensões, projetando que identidades convergentes poderiam ser encontradas. O II Congresso procurará dar a conhecer a rede, os seus projetos de valorização patrimonial e as suas atividades imateriais, promover a apresentação de casos de sucesso relevantes no domínio das redes culturais, conservação do património e novas abordagens relevantes entre a educação e o património.

## Congresso Internacional “Coimbra, cidade aberta: celebrar 950 anos do tempo de D. Sesnando”

Auditório da Reitoria UC

23 e 24 de outubro

Congresso Internacional que procura refletir sobre D. Sesnando, o seu tempo e seu território, bem como sobre sua projeção no futuro, tendo já confirmada a participação de alguns dos maiores especialistas nos temas em debate: Adel Sidarus, Clarinda Maia, Cláudio Torres, João Cunha Matos, Jorge de Alarcão, Leontina Ventura, Luísa Azevedo Paulo Almeida Fernandes, Manuel Real, Maria Helena da Cruz Coelho, Maria José Azevedo Santos, Walter Rossa

## “Escola Ibérica da Paz”: Exposição Sala de S. Pedro (BGUC) e MNMC de 23 de outubro a 14 de novembro

Exposição obras de alunos da Faculdade de Belas Artes de Lisboa que ilustram excertos de um conjunto significativo de textos (muitos inéditos) sobre a consciência crítica dos professores das Universidades de Coimbra, Évora, Salamanca, Alcalá de Henares e Valladolid a respeito da conquista e colonização da América, ao longo dos séculos XVI e XVII. Os textos expostos resultaram da seleção elaborada a partir do trabalho de transcrição paleográfica e tradução dos mais significativos manuscritos latinos dos professores das Universidades portuguesas do renascimento sobre a legitimidade da guerra, partindo de princípios teológicos e ético-jurídicos que acabaram por transformá-los numa apologia da paz e dos direitos da pessoa humana. Aos textos completos encontram-se compilados numa obra que resulta de um projeto de investigação do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, com a colaboração de investigadores do Centro de Estudos Clássicos da mesma Universidade

## “Escola Ibérica da Paz”:

Ciclo de Cinema

Casa das Caldeiras • 24 e 25 de outubro

Exibição de filmes relacionados com a temática da exposição “Escola Ibérica da Paz”:

*A Missão* [Roland Joffé, 1986] e *Também a Chuva* [Iciar Bollain, 2010].

## Lançamento do Jogo de Estratégia da Linha Defensiva do Mondego

Auditório Municipal de Penela

14 de novembro • 10h30

O Jogo de Estratégia tem como pano de fundo a riqueza da história medieval do território onde se insere a Rede, território de fronteira entre civilizações que se influenciaram mutuamente, considerando a sua importância nacional e, à época, na História Europeia e Mundial. O jogo transmite o conceito da forte necessidade de estabelecer uma rede, uma cooperação. O foco não será no domínio do confronto entre fações, mas sim nos desafios de organização social e inova na área dos videojogos ao explorar uma mecânica de colaboração entre jogadores; procurando criar uma comunidade online de múltiplos jogadores.

ORGANIZAÇÃO



PARCERIAS



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA  
DIREÇÃO GERAL DA CULTURA DO CENTRO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA  
DIREÇÃO GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES

